

# REVISTA DE ESPIRITUALIDADE



RE

PORTUGAL, Alpoim Alves  
*Novo Milénio*

REIS, Manuel Fernandes  
*Santa Teresa de Lisieux*  
*Doutora da Igreja para o 3º Milénio*

VECHINA, Jeremias Carlos  
*Por Cristo à Trindade*

DOMINGUES, Fr. Bernardo  
*Cultura e Valores em crise.*  
*Alternativa possível*



# REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

## SUMÁRIO

ALPOIM ALVES PORTUGAL

*Novo Milénio* ..... 83

MANUEL FERNANDES DOS REIS

*Santa Teresa de Lisieux.*

*Doutora da Igreja para o 3º Milénio* ..... 85

JEREMIAS CARLOS VECHINA

*Por Cristo à Trindade* ..... 117

FR. BERNARDO DOMINGUES

*Cultura e Valores em crise.*

*Alternativa possível* ..... 153

---

NÚMERO 34

Abril – Junho 2001

# REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

Publicação trimestral

---

---

## Propriedade

EDIÇÕES CARMELO

Ordem dos Padres Carmelitas Descalços em Portugal

## Director

P. Alpoim Alves Portugal  
Centro de Espiritualidade - Ap. 141- Avessadas  
4634-909 MARCO DE CANAVESES  
Tel. 255 538150 – Fax 255 538151  
E-Mail: ocdavessadas@mail.telepac.pt

## Conselho da Direcção

P. Pedro Lourenço Ferreira  
P. Jeremias Carlos Vechina  
P. Manuel Fernandes dos Reis  
P. Agostinho dos Reis Leal  
P. Joaquim da Silva Teixeira

## Redacção e Administração

Edições Carmelo  
Rua de Angola, 6  
2780-564 PAÇO DE ARCOS  
Tel. 21 4433706 – Fax 21 4438779

Assinatura Anual (2001).....	3.350\$00
Espanha .....	Ptas 3.200
Estrangeiro .....	USA \$ 39
Número avulso .....	900\$00

Impresso na ARTIPOL - Barrosinhas - 3750 ÁGUEDA

Depósito Legal: 56907/92

# NOVO MILÉNIO

ALPOIM ALVES PORTUGAL

«É impossível medir o sucesso de graça que, ao longo do ano, tocou as consciências. Mas certamente um “rio de água viva”, o mesmo que jorra incessantemente “do trono de Deus e do Cordeiro” (Ap 22,1), inundou a Igreja. É a água do Espírito que sacia e renova (cf. Jo 4,14). É o amor misericordioso do Pai que uma vez mais nos foi manifestado e oferecido em Cristo. No termo deste ano, podemos repetir, com renovado júbilo, aquele antigo refrão de acção de graças: “Louvai o Senhor porque Ele é bom, porque é eterna a sua misericórdia” (Sal 118117,1).<sup>1</sup>

Parece que vivemos num mundo novo!

Afinal não começámos a gozar já da novidade que estamos a viver desde o primeiro dia deste ano que já vai quase a meio? Ou será que nem o sentimos? Estaremos tão longe desta realidade, isto é, desta *novidade*, que nem nos apercebemos que somos nós os seus construtores? E que Deus está connosco, qual eterno Criador, a oferecer-nos as Suas mãos poderosas para que nós as prolonguemos nas pequenas obras realizadas com as nossas pequenas mãos?

«Sigamos em frente, com esperança! Diante da Igreja abre-se um novo milénio como um vasto oceano onde aventurar-se com a ajuda de Cristo. O Filho de Deus, que encarnou há dois mil anos por

---

<sup>1</sup> João Paulo II, Carta Apostólica *Novo Millenium ineunte*, 6/01/2001, n°1.

amor do homem, continua também hoje em acção: devemos possuir um olhar perspicaz para a contemplar, e sobretudo um coração grande para nos tornarmos instrumentos dela. Porventura não foi para tomar renovado contacto com esta fonte viva da nossa esperança que celebrámos o ano jubilar? Agora Cristo, por nós contemplado e amado, convida uma vez mais a pormo-nos a caminho: “Ide, pois, ensinai todas as nações, baptizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (*Mt 28,19*). O mandato missionário introduz-nos no terceiro milénio, convidando-nos a ter o mesmo entusiasmo dos cristãos da primeira hora; podemos contar com a força do mesmo Espírito que foi derramado no Pentecostes e nos impele hoje a partir de novo sustentados pela esperança que “não nos deixa confundidos” (*Rom 5,5*)».<sup>2</sup>

Gosto sempre de trazer à memória, de ler e reler estas páginas tão vivas e que foram, certamente, tão vividas também. Estas palavras continuam a ser encorajadoras sempre que as lemos. O convite a prosseguir «em frente, com esperança», é animador, e nós somos então capazes de «lançar as redes», porque confiamos plenamente n'Aquele que no-lo manda fazer, e nos ajuda, pois que a Sua presença renovadora «faz novas todas as coisas».

É muito importante que vivamos solidamente alicerçados em Jesus Cristo e a Ele entregues. A vida no Espírito «que renova a face da terra» deve ocupar sempre o centro da nossa vida.

Nesta hora única da história que nos toca viver, havemos de renovar a nossa confiança na abertura da nossa vida ao Espírito de Jesus. Só Ele poderá realizar a obra da nossa conversão e renovação em cada dia para construirmos a fraternidade, para lavarmos os pés aos nossos pobres, para darmos o nosso contributo insubstituível na obra de transformação deste mundo que é o nosso...

Este número de Revista de Espiritualidade quer ser, mais uma vez, o nosso pequenino contributo. A espiritualidade que ressuma destas páginas que vão passando pelas vossas mãos ajude à vossa vida de hoje, de amanhã e de sempre, na caminhada para a Meta. Desejamos que seja um instrumento de renovação, pela animação, pela formação permanente, pelo estímulo na busca permanente de Jesus Cristo.

---

<sup>2</sup> *Ibidem*, n.º 58.

# SANTA TERESA DE LISIEUX

## DOUTORA DA IGREJA PARA O TERCEIRO MILÉNIO

MANUEL FERNANDES DOS REIS

«Orei e foi-me dada a prudência, supliquei e *foi-me dada a Sabedoria* (...) Aprendi-a com lealdade e comunico-a sem inveja e não escondo a riqueza que a Sabedoria encerra, porque ela é para os homens um tesouro inesgotável, e os que a adquirem tornam-se amigos de Deus, recomendados pelos benefícios da sua doutrina».<sup>1</sup>

### 1. «Não compete às mulheres ensinar os outros»

Há na vida de Santa Catarina de Sena (1347 - 1380), escrita pelo bem-aventurado Raimundo de Cápua, um diálogo curioso entre a Santa e Cristo. Catarina, dirigindo-se a Jesus, mostra-se filha do seu tempo e

---

<sup>1</sup> Sb 7,7.13-14. 22.27-28. «Deus concedeu-me a graça de abrir desde muito cedo a minha inteligência» (A 4 v). Possui uma inteligência precoce dos mistérios de Deus, com «respostas prontas muito raras na sua idade»: «Celina perguntava no outro dia: - «Como pode ser que Deus esteja numa hóstia tão pequena?» A pequenina respondeu: «Não é assim tão difícil pois que o bom Deus é omnipotente». - «E que quer dizer Omnipotente?». - «Pois é fazer tudo o que quer!...» (A 10 r). «Foi sempre a primeira em catecismo», o que contentava o P. Domin, que lhe «chamava a sua *pequena doutora* por causa do seu nome de Teresa» (A 37 v). «O dom da sabedoria com que foi particularmente agraciada permitiu-lhe penetrar de uma maneira verdadeiramente excepcional o sentido da Palavra revelada» (*Positio*, p. 376).

autoflagela-se exactamente por ser mulher. Mas a resposta de Cristo é inesperada e provocatória.

«O sexo repugna-Vos por muitas razões. *Não compete às mulheres ensinar os outros*, seja porque o seu sexo é desprezível, seja porque não convém a tal sexo conversar com o outro. Não sou Eu quem criou o género humano e formou um e outro sexo? Comigo não existe homem nem mulher, nem plebeu nem nobre, mas todas as coisas diante de Mim são iguais. *Darei, pois, ao mundo mulheres não sábias e frágeis, mas dotadas por Mim da força e da sabedoria divina*, para confusão da temeridade dos homens».<sup>2</sup>

No século dezasseis, persiste ainda esta mentalidade contra o magistério feminino na Igreja. Bem sintomático e de sobra conhecido é o caso de Santa Teresa de Ávila (1515 - 1582).

«Se os que convosco tratam quiserem aprender a vossa língua, já que *vos não cabe ensinar, podeis dizer as riquezas que se ganham com aprendê-la e disto não vos canseis, mas fazei-o com piedade e amor e oração* – a fim de que aproveitem – para que, entendendo o grande ganho, vão buscar mestre que os ensine; que não seria pouca graça que o Senhor vos fizesse despertar alguma alma para este bem. Mas quantas coisas se oferecem em começando a tratar deste caminho, ainda mesmo a quem tão mal por ele tem andado como eu! Praza ao Senhor vo-lo saiba dizer, irmãs, melhor do que tenho feito. Amen».<sup>3</sup>

No final do século XIX, Santa Teresa do Menino Jesus (1873-1897), encontra-se ainda na mesma situação de inferioridade magistral na Igreja em relação aos homens. Durante a sua viagem a Roma, um episódio acontecido num convento de Carmelitas Descalços foi o suficiente para despoletar nela o grito de revolta contra uma situação de discriminação da mulher na Igreja, para ela tanto mais incompreensível, quanto mais reconhece o «privilégio da feminidade» no amor a Jesus e de Jesus.

«Não posso ainda compreender porque é que as mulheres são tão facilmente excomungadas na Itália, a cada instante se nos dizia «Não entreis aqui... Não entreis ali, ficareis excomungadas!...».<sup>4</sup>

<sup>2</sup> S. Catarina de Sena. Cf. G. Ravasi, *Cânt.*, p. 113.

<sup>3</sup> S. Teresa de Jesus, CV 20, 6. A 1 de Fevereiro de 1923 a Ordem Carmelita pediu ao Papa Pio XI que declarasse Teresa de Ávila Doutora da Igreja. Pio XI respondeu: «obstat sexus». Deixou, assim, tudo em aberto» (I. Bengoechea, «Doctora de la Iglesia», em *Diccionario de Santa Teresa de Lisieux*, Monte Carmelo, Burgos, 1997, p. 203).

<sup>4</sup> A 66 v. Na sua *teologia feminina* do amor percebeu o *feminino em Jesus*: «Para mim o teu



No entanto, parece que a sua rápida influência doutrinal na Igreja universal quebrou, não sem resistências até quase aos nossos dias, esse preconceito masculino,<sup>5</sup> baseado numa leitura redutora da palavra de S. Paulo: «*mulieres in ecclesiis taceant...*» (1Cor 14, 34). Depois da proclamação de doutoramento das duas primeiras mulheres, Santa Teresa de Ávila (27 de Setembro) e Santa Catarina de Sena (4 de Outubro), em 1970, por Paulo VI, em que se reconhece oficialmente, pela primeira vez na história da Igreja, o magistério da experiência espiritual feminina, ficou aberto o caminho do doutoramento também a outras santas mulheres.

Uma vez caído por terra o argumento tradicional, que impedia a nomeação de uma mulher como Doutora da Igreja, apresentou-se de novo a oportunidade para retomar a questão do doutoramento de Teresa de Lisieux. Na verdade, ela é uma pessoa dotada de um carisma particular de sabedoria e de doutrina, dom do Espírito Santo à sua Igreja. É o Espírito Santo que concede o «carisma dos doutores» para bem da Igreja.<sup>6</sup>

«Aquela que S. Pio X chamou de “a maior santa dos tempos modernos” não será também “a maior teóloga dos tempos modernos”?»<sup>7</sup>.

Foi o que veio a acontecer, em 1973, ano centenário do seu nascimento, com a intervenção de D. Garrone: «Um dia Santa Teresa de Lisieux poderá ser Doutora da Igreja? Respondo que sim, sem hesitação, estimulado pelo que sucedeu com a grande Santa Teresa e com Santa Catarina de Sena».

Uma vez proposta a sua candidatura a Doutora da Igreja e feito o anúncio oficial, a 25 de Agosto, em Paris, por João Paulo II, durante a Jornada Mundial da Juventude, ocasião propícia para apresentar à juventude o exemplo de Teresa de Lisieux, passou-se da probabilidade à certeza de

---

coração é mais que maternal» (P 36, 2) e *integrou harmoniosamente os contrastes* na sua experiência pessoal. Assim, ensina com o seu «génio de mulher», de «carmelita, esposa e mãe das almas» (B 2 v) a *ternura* do amor de Jesus (P 23, 4. 6), a *beleza* da sua própria santidade feminina (UC 10.8.2), o *dom de si* ao amor (Ct 43B), a exemplo do dom de Maria (P 54, 22). Outrossim, ensina como «mulher de génio», o *compromisso com a verdade* (UC 21.7.4), a *paixão pelo combate* com a espada do espírito (UC 9.8.1), o *desejo imenso de saber*, que lhe deu a *agudeza de compreensão* e uma *claridade de expressão* (A 46 v), a *fortaleza de alma* como de homem (UC 8.8.3).

<sup>5</sup> Sobre «a irradiação e a influência de Santa Teresa do Menino Jesus» (Cf. *Positio*, pp. 387 - 554).

<sup>6</sup> Cf Ef 4, 11-12.

<sup>7</sup> *Positio*, p. 212. Ainda sobre o tema (Cf. J. Daujat, «Thérèse de Lisieux, maîtresse en Théologie», em *Carmel* 81 (1996) pp. 39 - 45. Cf. J. Castellano, «Eminens doctrina». *Un requisito necesario para ser doctor de la Iglesia*, em *Teresianum* 6 (1995) p. 4. Cf. a lista de candidatos para quem a Congregação dos Santos pediu o *votum* da Congregação da Doutrina da Fé (*Positio*, VII).

que a 19 de Outubro, Dia Mundial das Missões, o doutoramento de Teresa seria uma realidade eclesial.

«No momento de concluir esta Jornada Mundial em França, desejo evocar a grande figura de Santa Teresa de Lisieux... A sua eminente doutrina deve ser reconhecida entre as mais fecundas».<sup>8</sup>

Porém, como iria ela passar da condição de «doutoranda» à de «doutorada», se há uma lista de candidatos à espera, senão pela outorgação do «doutoramento», conferido pelo Magistério, para ser oficialmente reconhecida como «doutora» pela Igreja?

«O círculo dos doutores da Igreja é muito restrito: 30 santos e 2 santas. Assim junto à valente Catarina, à grande Teresa, a Alberto Magno (...) ao Divus Tomás, teremos talvez a pequena Teresa do Menino Jesus e da Santa Face».<sup>9</sup>

Mas é Teresa de Lisieux uma mulher santa que com a sua santidade e exímia doutrina contribuiu e contribui notavelmente para o bem da Igreja? Teresa tem uma missão doutrinal e ensina uma eminente doutrina? Quais são os requisitos necessários para a proclamação de um Doutor da Igreja? Qual a actualidade da doutrina de Teresa de Lisieux para a Igreja e para o mundo de hoje? Quais os critérios que a tradição e o Magistério fixaram para conferir o título de Doutor da Igreja? Tem ela realmente uma «doutrina eminente», com autoridade, profundidade, universalidade, actualidade e beleza para propor à Igreja? Qual o verdadeiro magistério eclesial de Santa Teresa do Menino Jesus? Basta a opinião de um teólogo para reconhecermos o mérito da «teologia existencial» de Teresa.

Actualmente Teresa é considerada «uma das maiores teólogas do Amor», porque leu o Evangelho de «Deus-Amor» (1Jo 4, 8) na perspectiva cristológica do «Jesus da paz e do amor», o qual na oração, «o ofício do amor», a «instruiu nas coisas do seu amor», a saber, na «ciência do Amor».

---

<sup>8</sup> J. Paulo II, *Alocução mariana no final da Missa no Hipódromo de «Longchamp»* e antes do Angelus (24 de Agosto de 1997).

<sup>9</sup> G. Fasoli, *Santa Teresa de Lisieux Dottore della Chiesa?*, em *Studi Cattolici* 37 (1993) 296 - 297. 297.

## 2. «Orei e foi-me dada a Sabedoria»

Foi, como é óbvio, na oração, que Teresa «adquiriu», ou melhor, «recebeu» o «conhecimento interno de Cristo», «o supremo conhecimento de Jesus Cristo» (Fil 3, 8), o «conhecimento da sua caridade, que excede todo o conhecimento» (Ef 3, 19). «Instruída pela «unção do Espírito Santo» (1Jo 2, 20), olha «com os olhos iluminados do coração» (Ef 1, 18) e é «enriquecida de uma plenitude de inteligência, para conhecer o mistério de Deus, isto é, de Cristo, em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência» (Col 2, 2-3). Este dom da sabedoria, dado na oração pelo Espírito Santo é, como é óbvio, uma participação na sabedoria divina.

«A sombra que faz a sabedoria de Deus, será outra sabedoria de Deus à feição de Deus (...) ou, para melhor dizer, será a mesma sabedoria (...) A alma entende e saboreia a sabedoria divina em sombra de sabedoria divina».<sup>10</sup>

Jesus, o «seu Director», ordinariamente iluminava-a, como ela diz, pouco a pouco, no caminho da perfeição.<sup>11</sup>

Será por esta «sombra de sabedoria» que Teresa relacionava audazmente a sua vocação na Igreja com o carisma dos Doutores da Igreja, por meio de uma consciência progressiva da sua missão eclesial, como se estivesse chamada à vocação de fazer ecoar a sua experiência numa doutrina espiritual de carácter universal. Por isso, fala abertamente dos grandes Doutores que foram enriquecidos com um carisma de ensino e «iluminaram a Igreja com a claridade da sua doutrina».<sup>12</sup>

À luz do «dom de compreender o amor do Coração de Jesus»<sup>13</sup> não é difícil reconhecer em Teresa a existência do carisma de sabedoria do Espírito, recebido do divino Mestre para o bem da Igreja.

Teresa possui, de facto, um carisma de magistério, um dom do Espírito para a Igreja. Na sua preparação para a recepção dos sacramentos o seu nome e a facilidade com que aprendia o Catecismo mereceram-lhe

---

<sup>10</sup> S. João da Cruz, *Chama viva de amor*, 3, 14.67. É o conhecimento *por conaturalidade*, por revelação interior do Espírito (Ef 1,17), como no caso de S. Paulo, que conheceu o mistério de Cristo, por graça de uma revelação (Ef 3,2-4).

<sup>11</sup> Cf. A 74 r.

<sup>12</sup> Cf. A 2 v.

<sup>13</sup> Ct 247.

da parte do abade Domin o cognome de «petit Docteur». Tinha o «gosto pelo saber» e «pela leitura». O P. Pichon orientou-a para se abrir ao ensino interior de Jesus.

«O bom Padre disse-me ainda estas palavras que me ficaram agradavelmente inscritas no coração: «Minha filha, que Nosso Senhor seja sempre o vosso Superior e Mestre de noviços». Foi-o de facto e também «Meu Director».<sup>14</sup>

Teresa aprendeu as «lições» de Jesus, de «Jesus meu Director», como ela expressamente o diz: «Disse que Jesus tinha sido o «meu Director». E foi-o de facto: «Foi Ele quem me instruiu nesta ciência». Sabe, pois, que só Jesus lhe ensinou o essencial da sua doutrina, que é Ele quem «a instrui em segredo» na sua oração.

Vejamos, nalguns textos, como o Espírito inscreveu no coração de Teresa, por meio do Evangelho, no silêncio da oração e da actividade, a Palavra, isto é, Jesus, «a Ciência, a Sabedoria eterna», fonte da sua sabedoria espiritual. Teresa sente-se interiormente em escuta da palavra do Mestre interior – «a manifestação das vossas palavras ilumina e dá inteligência aos simples» (SI 118, 130) –, e sabe-se ensinada por Ele nos seus divinos mistérios sob a inspiração do Espírito Santo.

«Jesus não tem necessidade nenhuma de livros nem de *doutores para instruir as almas*. Ele, o *Doutor dos doutores, ensina sem ruído de palavras. Nunca O ouvi falar*, mas sei que Ele está em mim. Ele *guia-me e inspira-me* a cada instante...».<sup>15</sup>

Ela «descobre luzes que ainda não tinha visto». Sente-se «inundada de luzes» sobre a sua vocação à glória da santidade.<sup>16</sup>

Teresa, iluminada sobre o mistério da santidade cristã, contemplou a totalidade do mistério de Deus e atraída pela sua misericórdia – «a mim deu-me a sua Misericórdia infinita e é através dela que contemplo e adoro as demais perfeições divinas»<sup>17</sup> – «compreendeu toda a ternura do seu Amor infinito».<sup>18</sup> Por isso, deseja ensinar que Deus é misericordioso na sua justiça.<sup>19</sup>

Jesus, o «Doutor dos doutores» – «um só é o vosso Mestre», «*um só é o vosso doutor*» (Mt 23, 8. 10) – iluminava-a, ensinava-a, guiava-a, inspirava-a e alimentava-a directamente pelo seu Espírito de Verdade,

<sup>14</sup> A 70 r.

<sup>17</sup> A 83 v.

<sup>15</sup> A 83 r - v.

<sup>18</sup> A 84 r.

<sup>16</sup> A 31 r - 32 r.

<sup>19</sup> B 1 v.

na «lectio divina» da sua Palavra, a verdade feita carne interior, na oração, e no espírito de oração, durante as suas actividades.

Teresa fala, ao mesmo tempo, do duplo magistério da Sagrada Escritura e do Espírito na sua vida.

Na verdade, o dom do entendimento das S. Escrituras, fê-la descobrir, na sua oração, ou consulta interior, o lugar de Cristo, o Mestre, no seu coração e na sua vida.

O texto de Mt 11, 25, por ela citado inúmeras vezes, é cumprimento das palavras do Espírito Santo: «Se alguém é pequenino venha a mim... a misericórdia é concedida aos pequenos».<sup>20</sup> Jesus revela-se-lhe na sua Palavra e cumpre assim a promessa da «sabedoria revelada aos pequenos».

Teresa é ícone da «misericórdia de Jesus» para com todos, mas em especial para com os pequenos. Ela tem consciência da sua radical pobreza de criatura humildemente ensinada pelo divino Mestre.

«Uma das coisas que mais chama a atenção lendo Teresa de Lisieux é a humilde consciência que ela tem de haver sido progressivamente enriquecida com um carisma de sabedoria. Sob o ensinamento do divino Mestre, tem consciência de haver recebido uma graça particular para penetrar as profundidades do mistério de Deus».<sup>21</sup>

### 3. «Sinto em mim a vocação de Doutor»

Teresa, que tem Cristo por «único guia», «sentada entre os doutores», a «responder aos sábios que passam a sua vida no estudo», é bem o ícone da «Sede da sabedoria». Jesus é o «Doutor» de Teresa nas «coisas do amor» do Pai. Ela é a pobre que, em cada momento, deve receber o dom de conhecer a «ciência do Amor» de Deus.

Por seu lado, Teresa, convencida de ser instruída por Jesus, é a «Doutora da Igreja» nas «coisas do amor» de Jesus, e quer transmitir «os ensinamentos Divinos».<sup>22</sup>

<sup>20</sup> B 1 r.

<sup>21</sup> *Positio*, p. 590.

<sup>22</sup> B 1 r. Com sua mãe S. Teresa de Jesus afirma radicalmente que Jesus é o mestre desta ciência de amor: «Chegai-vos para junto deste bom Mestre muito determinadas a aprender o que vos ensina, e Sua Majestade fará com que não deixeis de sair boas discípulas, nem vos deixará se O não deixais». (CV 26,11). Com seu pai S. João da Cruz afirma que o amor se torna inteligível: «a ciência

Teresa «sente» em si a luz do Amor misericordioso de Jesus e «quer iluminar a Igreja com o brilho da sua doutrina sobre a infinita misericórdia de Jesus», disposta mesmo a autenticá-la com o selo do seu próprio sangue. Estava convencida da sua vocação doutrinal, sem limites de espaço, de tempo e de intensidade.<sup>23</sup>

Tem consciência de possuir uma «doutrina» – «a minha pequena doutrina como lhe chamais» – e de ter a missão de a transmitir universalmente. Sabia que a sua missão de doutora estaria ligada à difusão do relato da sua vida.

«- *Pensas então que é por este manuscrito que farás bem às almas?* - Sim, é um meio do qual Deus se servirá para me atender. Fará bem a todos as almas...».<sup>24</sup>

Ela «exprime os seus pensamentos com grandíssima facilidade» e «os seus escritos contêm luzes particulares sobre a pregação do Evangelho».

«Hoje, de maneira especial, Teresa de Lisieux apresenta-se como mensageira de Deus no fim do segundo milénio e no dealbar do terceiro, repetindo a palavra de João Evangelista: “Deus é amor” (1 Jo 4, 8), que é a síntese da primeira e da nova evangelização».<sup>25</sup>

Apesar de querer «comunicar os segredos do amor de Jesus», de por si «inefáveis», reconhece-se apenas «instrumento» nas mãos do Senhor, para O ajudar na revelação do seu amor aos homens.

Desde este pensar teológico, aceitou ser instrumento do Senhor, junto das suas noviças, a pedido da Madre Maria de Gonzaga, exercendo com elas uma verdadeira missão e acção pastoral.<sup>26</sup>

A consciência de ser instrumento nas mãos de Deus configurou o seu magistério feminino na *humildade e pequenez* de quem confia totalmente no divino Mestre para ensinar as suas noviças.<sup>27</sup>

Ela tem consciência de ensinar as suas Irmãs de Comunidade, mais com uma pedagogia prática do que teórica, como é próprio do magistério da mulher.

---

saborosa... é a TEOLOGIA MISTICA, que é ciência secreta de Deus, que os espirituais chamam *contemplação*, a qual é muito *saborosa*, porque é *ciência por amor*, o qual é *o mestre dela* e o que tudo faz *saboroso*» (CB 27, 7).

<sup>23</sup> B 3 r.

<sup>24</sup> M. Inês, PA, p. 202.

<sup>25</sup> *Positio*, pp. 600 - 601.

<sup>26</sup> C 3 v. «O papel de Teresa no noviciado é o esforço pedagógico de uma mestra de noviças que se põe à escuta de suas irmãs mais novas para as ajudar a descobrir os chamamentos do Senhor nos acontecimentos e nas circunstâncias da sua vida». (J. Lafrance, *Teresa de Lisieux Guia de Almas*, EDE, Madrid, 1985, pp. 224).

<sup>27</sup> C 22 r - v.

Aprendeu que se aprende a amar ao ensinar os outros a amar, não tanto com palavras quanto com obras. Com esta sabedoria prática do amar, converte-se, assim, em «Doutora da Ciência do Amor Divino» de Jesus para as «pequenas almas» que aspiram à perfeição do amor. Jesus é o mestre «de Teresa» e «de todas as pequenas almas».

Aprendeu, além disso, que se aprende a caminhar caminhando – «o caminho se faz ao andar» –, melhor, procurou «um caminho todo novo» para chegar à perfeição do amor, e encontrou o «ascensor do Amor», isto é, «Jesus a caminhar com ela», ou se se prefere a expressão dela, «os braços de Jesus» «hão-de elevá-la até ao Céu». Aos 21 anos está encontrada a sua «pequena via». Ela torna-se «doutora» do seu «caminho místico-ascético» da santidade.<sup>28</sup>

Na espontaneidade do Espírito, em resposta ao Amor Misericordioso da Santíssima Trindade, ofereceu-se, num dom total de amor, para ser «vítima», ou seja, a «amada» do Amor Misericordioso de Deus. Teresa ensina com a vida e o seu «exemplo arrasta».

Sabe que Deus a uns santos pede que silenciem «os segredos do Rei», e a outros que «anunciem as suas obras», para enriquecimento da Igreja. No seu caso, pede-lhe que «proclame os segredos do Rei», isto é, que cante as «Misericórdias do Senhor» na sua vida.

Na obediência à vontade de Jesus e à de sua Madre, em docilidade ao Espírito, manifesta que o Senhor lhe ensinou «os segredos do Rei», na sua juventude, para edificação da Igreja. Apresenta a sua sabedoria e a sua experiência de jovem santa, como grandeza da misericórdia de Deus na sua pequenez. Ela própria se admira que o dom de sabedoria concedida aos pequenos, como é o seu caso, não seja o critério da inteligência dos humanos. Possuidora de uma sabedoria espiritual superior à sua idade dá, como Maria, graças ao Senhor, porque olhou para a humildade da sua serva e nela fez grandes coisas, a maior das quais foi a de conhecer a sua «pequenez».<sup>29</sup>

Na sua juventude, tornou-se numa «virgem sábia e prudente» que, na oração, espera receber tudo das mãos do Senhor, que «se compraz em conceder a sabedoria aos pequenos», dando-lhes a conhecer a «ciência do Amor».

---

<sup>28</sup> Cf. C 3 r - v.

<sup>29</sup> Cf. C 4 r - v.

Com esta plenitude do Espírito, com esta sabedoria divina, recebida em plena juventude, a doutrina de Teresa torna-se especialmente actual para o mundo dos jovens de hoje.

Esta consciência de ter recebido o dom da sabedoria, a «Ciência do Amor», na sua juventude, complementa-se com a consciência de ter recebido uma missão apostólica e uma mensagem a transmitir,<sup>30</sup> em especial, aos jovens, que hão-de construir o futuro.

Por isso, aceita ser instrumento nas mãos de Deus para cooperar com Ele na realização da sua obra nas almas das suas irmãs mais novas.<sup>31</sup>

O segredo da aquisição da divina ciência e da missão divina, aliás como o de todos os Santos e dos grandes Doutores, não é outro senão a oração contemplativa. Ela insere-se no cortejo dos Santos que receberam a graça de compreender o conteúdo da revelação divina e a vida e a fé da Igreja, e de testemunhar, com a sua vida e os seus escritos, a verdade da experiência cristã da graça.

#### **4. «Um dom de sabedoria verdadeiramente excepcional»**

Ante a sabedoria dos pequenos, a consciência da grandeza divina e da pequenez humana, a Igreja, na pessoa dos seus pontífices, reconheceu nela estes dons do Espírito Santo.

O testemunho do Magistério da Igreja, no seu consenso e unanimidade, é, na verdade, outro grande argumento, em ordem à concessão do Doutoramento a Teresa de Lisieux.<sup>32</sup>

Os Papas, ao falarem da Santa de Lisieux, apresentaram-na como mestra aos homens do nosso tempo, não só no caminho da santidade, mas na procura de Deus e no aprofundamento da sua Palavra. Prestaram uma atenção especial ao valor magistral da sua doutrina.

---

<sup>30</sup> A sua mensagem é a de uma fé vivida, de um Evangelho imediatamente posto em prática, de uma sabedoria instantânea das coisas e circunstâncias. A sua mensagem é a da vocação universal à santidade, a do Evangelho aberto a todos, do amor que se baixa para a todos elevar» (*Positio*, 594).

<sup>31</sup> Cf. C 20 r - v.

<sup>32</sup> *Positio*, V. *Le Temoignage du Magistere de l'Église*, pp. 11 - 14; *Reception et proposition de la doctrine da Sainte Thérèse de l'Enfant-Jésus de la part du Magistere de l'Église*, pp. 354 - 371.



S. Pio X (1903-1914) via na «simplicidade» de Teresa de Lisieux – «o que existe de mais extraordinário nesta alma é precisamente a extrema simplicidade» –, a maior característica da sua santidade: «Eis a maior santa dos tempos modernos».<sup>33</sup> A carta 92, de Teresa a sua prima Maria Guérin, influenciou o decreto sobre a comunhão frequente – *Sacra Tridentina Synodus de 20 de Dezembro de 1905* – e o decreto – *Quam singulari de 8 de Agosto de 1910* – sobre a comunhão das crianças.

Bento XV (1914-1922) fez, no discurso da promulgação do Decreto sobre as virtudes heróicas da Venerável Teresa do Menino Jesus a 14 de Agosto de 1921, o elogio das suas virtudes, desde a perspectiva do «pequeno caminho» da infância espiritual.<sup>34</sup>

Não se pode reconhecer nela o carisma de um ensinamento que lhe valha o reconhecimento do título oficial do doutorado?... Teresa recebeu do Espírito «o carisma de ensinar» aos outros «o verdadeiro caminho da salvação».

Pio XI (1922-1939), «o Papa de S. Teresinha», fez de Teresa «a estrela do seu pontificado», «o seu médico», «uma Palavra de Deus». «Quis que a Basílica de Lisieux fosse «muito grande e muito bela e que se fizesse depressa». Teve a sua estátua nos jardins do Vaticano. Durante o seu pontificado é promulgado o decreto *Tuto* para a beatificação (6/3/1923) e beatificou-a a 29/4/1923. A 19/3/1925 aprovou os milagres para a canonização e a 17/5/1925 canonizou a sua «primeira beata», a sua «primeira santa».<sup>35</sup>

Além de reconhecer a sua santidade de vida, manifestada no caminho do amor, o Papa, confirmou ainda o dom de sabedoria divina com que o Espírito, na oração e na meditação da Palavra de Deus, encheu o espírito de Teresa, tornando-a capaz de «ensinar a todos»,

---

<sup>33</sup> Pio X, *Les Annales de Sainte Thérèse de Lisieux*, 27 (1951) Julho p. 6.

<sup>34</sup> Bento XV, Discurso de 14/8/1921 na promulgação do decreto das virtudes heróicas da Venerável Teresa do Menino Jesus, em AAS 13 (1921) 449 - 452.

<sup>35</sup> Pio XI, *Discurso da aprovação dos milagres*, 11 / 2 / 1923. «Quando se pensa que estamos a cuidar de uma santa! Então tanto melhor! Mas queria que fosse Deus a dizê-lo!» (UC 3.9.2). A beatificação foi a 29 / 3 / 1923. «A missão de santidade particular é um puro dom de Deus aceite pelo agraciado (...) Os predilectos do povo são os santos que vão da cabeça ao corpo... são menos imitáveis directamente... mas são os grandes dons que Deus faz ao seu povo (...) Teresa de Lisieux apresenta-se-nos, sem nenhuma dúvida, com uma missão dada imediatamente por Deus à Igreja (...) Pode inclusive dizer-se que Teresa, junto com o cura d'Ars, representa o único exemplo absolutamente evidente de uma missão teológica em sentido amplo dentro do século XIX e que ela, até hoje, foi também a última» (H. U. von Balthasar, *o. c.*, pp. 19.21.24).

com a sua vida e escritos, a sabedoria da santidade do «pequeno caminho» da «infância espiritual».

Foi certamente a exemplaridade do testemunho de santidade de vida desta virgem sábia e prudente que fez dela chefe de fila de muitos outros santos posteriores a ela e constante fonte de inspiração e de ajuda para quem recorre ao seu auxílio e intercessão.

«O homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres – dizíamos ainda recentemente a um grupo de leigos –, ou então, se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas».<sup>36</sup>

Em 1927, fê-la Padroeira das missões carmelitas e a 14 de Dezembro de 1927 declarava-a «Padroeira principal, a par de S. Francisco Xavier, de todos os missionários e de todas as missões católicas do mundo inteiro». No mesmo ano, «desejou que a Igreja mexicana reconhecesse em Teresa de Lisieux a mediadora da paz religiosa naquele país». Em 1928, o *Russicum*, centro de formação dos futuros missionários da Rússia, é posto sob a sua especial protecção. A 30 de Setembro de 1938, atribui o fim da guerra europeia à intervenção celeste de Teresa.

## 5. «Ela tem uma doutrina»

Pio XII (1939 - 1958) visitou, na qualidade de cardeal E. Pacelli, a 11 de Julho de 1937, o interior do Carmelo de Lisieux, na sua delegação papal para benzer a Basílica de Lisieux. No seu discurso, meditou profundamente sobre o «pequeno caminho»:

«Teresa *soube traçar um pequeno caminho*. A sua ciência das coisas divinas, em parte adquirida e em parte infusa, não a manteve para si. De facto, ela disse: «A minha missão é fazer amar o bom Deus como eu o amo, e de dar o meu pequeno caminho às almas» (...) A pequena carmelita, do fundo do seu convento, dá lições ao nosso século tão orgulhoso da sua ciência.

---

<sup>36</sup> Paulo VI, *EN* n. 41, onde cita o seu *Discurso aos Membros do «Consilium de Laicis»* (em 2 de Outubro de 1974): AAS 66 (1974) p. 568. Esta atitude do homem contemporâneo «explica o desinteresse relativo pelas escolas de espiritualidade como tais; não necessariamente pelos mestres, mas estes últimos são vistos menos como doutores a quem se recorre para buscar doutrina e sistema, que como testemunhas privilegiados, em quem se busca a ajuda de um exemplo vivo e fraterno» (A. M. Besnard, *Visage spirituel des temps nouveaux*, Cerf).

*Ela tem uma missão: tem uma doutrina.* A sua doutrina, como toda a sua pessoa, é humilde e simples e resume-se em duas palavras: Infância espiritual, ou Pequeno caminho (...).<sup>37</sup>

A 23/3/1938, na bênção do Seminário francês de Roma, ante a estátua de Santa Teresa do Menino Jesus, sentada com o Evangelho sobre os joelhos, oferecida pela M. Inês, e onde se lê «Teresia Docet», falou da sua influência sobre os sacerdotes.<sup>38</sup>

Já como Papa, Pio XII, proclamou Teresa de Lisieux, a 3 de Maio de 1944, Padroeira secundária de França. Por ocasião do cinquentenário da morte de Teresa (1897-1947), escrevia à Madre Inês: «O ano jubilar que se anuncia não pode deixar de ser uma fonte de renovação espiritual...».<sup>39</sup> Na mesma ocasião, a 7/8 /1947, escrevia a Mons. F. Picaud.

«O caminho da infância espiritual que, depois de muitos santos, ela nos recordou, é recomendado pelas palavras do Salvador aos seus Apóstolos (Mt 18, 3) (...) Muitos pensam que é um caminho especial... e que não convém a pessoas já maduras que necessitam de muita prudência, tendo graves responsabilidades».<sup>40</sup>

Na radio-mensagem para a consagração da Basílica de Lisieux, enviada a 11/7/1954, aprofundou a doutrina da infância espiritual.

«Se a divina providência permitiu a extraordinária difusão do seu culto, é porque ela transmitiu e transmite ao mundo uma mensagem de uma surpreendente penetração espiritual, um testemunho único de humildade, confiança e amor! (...) É o próprio Evangelho, o coração do Evangelho que ela encontrou (...) É preciso fiar-se da palavra de Teresa, quando convida, tanto o mais miserável quanto o mais perfeito, a não fazer valer diante de Deus senão a debilidade radical e a pobreza espiritual de uma criatura pecadora».<sup>41</sup>

João XXIII (1958-1963), o peregrino de Lisieux, na qualidade de Mons. Roncalli, chamou-lhe «a pequena grande Teresa» e, uma vez Papa, fala da sua actividade missionária, a 16/9/1960, numa Audiência geral.

---

<sup>37</sup> E. Pacelli, *Discorsi e Panegirici*, 2ª Ed., Tipografia Poliglota Vaticana, 1939, pp. 591-593.

<sup>38</sup> E. Pacelli, *o. c.*, pp. 681 - 693. Na sua carta a Mons. F. Picaud, bispo de Bayeux, no centenário da fundação do Carmelo de Lisieux (1938), dizia: «Uma alma de fogo, presa pela simplicidade, inocência e amor de Deus, passando nestes muros, incendiou todo o Carmelo; e enquanto o vaso precioso desta carne virginal se quebrou, encheu com os seus perfumes toda a casa» (*Id.*, *Les Annales*. Novembre - Décembre 1958, pp. 18 - 19).

<sup>39</sup> AAS 36 (1944) 329 - 330.

<sup>40</sup> *Analecta OCD* 19 (1947) 168 - 71.

<sup>41</sup> AAS 46 (1954) 404 - 408.

«O seu Santuário em Lisieux é ponto de chegada de contínuas peregrinações... e é intensíssima a devoção a esta religiosa insigne em todo o mundo... Teresa de Ávila foi grande por ter testemunhado, de maneira esplêndida, a força viva de santificação que há no cristianismo; Teresa de Lisieux foi grande por ter sabido na humildade, na simplicidade, na negação constante, cooperar nas actividades e no trabalho da graça para o bem de inumeráveis fiéis».<sup>42</sup>

Comparando estas duas Santas Carmelitas, S. Teresa de Ávila e S. Teresa de Lisieux, o Papa disse ao P. François de Sainte Marie OCD, que lhe oferecera a edição «Visage de Thérèse de Lisieux», que era preciso pregar urgentemente a sua doutrina.

Paulo VI (1963-1978), ainda na qualidade de Mons. Montini, escreveu 20 cartas ao Carmelo de Lisieux. Como Papa, diz a D. Derouet, que «nasceu para a Igreja no dia em que a santa nasceu para o Céu. Isto diz-lhe quais são os laços especiais que me ligam a ela. A minha mãe fez-me conhecer santa Teresa do Menino Jesus que ela amava. Li já várias vezes a *História de uma Alma*, a primeira vez na juventude».<sup>43</sup>

Na paróquia romana de S. Pio X, realçava, a 16 de Fevereiro, quanto ela viveu e ensinou a viver a confiança na bondade de Deus.<sup>44</sup>

Esta doutrina da confiança e do abandono à bondade de Deus, chamada na tradição da Igreja de «infância espiritual», está solidamente enraizada no Evangelho, sintetizado do espírito de filhos de Deus e, por isso, é actualíssima na espiritualidade dos nossos dias.

Desenvolve o seu pensamento sobre a doutrina de Teresa de Lisieux por ocasião do I centenário do nascimento da santa (1873-1973), numa carta a D. J. Badré, bispo de Bayeux e Lisieux, apresentando-a «numa luz providencial para os homens do nosso tempo», em três aspectos da sua espiritualidade, apresentando-a como mestra de oração, de esperança e de vida comunitária. Em primeiro lugar, apresenta-a como «Doutora da oração contemplativa» na vida da Igreja.<sup>45</sup>

Em segundo lugar, fala dela como «Sinal de esperança» para a «salvação deste mundo», tantas vezes em desespero e desconfiança de libertação dos seus «círculos infernais».

<sup>42</sup> João XXIII, *Discorsi Messaggi Colloqui*, vol. II (1959 - 1960), pp. 771 - 772.

<sup>43</sup> Philippe de la Trinité, *Testimonianze dei Papi su S. Teresa di Lisieux*, em *Palestra del clero* 52 (1973), pp. 293 - 294.

<sup>44</sup> Paulo VI, *Insegnamenti di Paolo VI*, vol II (1964) 1061.

<sup>45</sup> Cf. Paulo VI, *Carta a D. J. Badré, Bispo de Bayeux e Lisieux*, 2/1/1973, em AAS 65 (1973) 12-15.

Em terceiro lugar, mostra-a como «Luz em toda a casa», isto é, como caridade em acção e paixão, no âmbito da sua Comunidade de Lisieux, no «Coração da Igreja», e na «mesa dos pecadores», em especial, dos que rejeitando a fé, rejeitam o Amor de Deus ou lhe são indiferentes.<sup>46</sup>

Reconhece ainda a exemplaridade da sua vocação de amor eclesial, para todos os cristãos manifestarem explicitamente o seu amor à Igreja, mesmo com as palavras de Teresa.

Realça também a heroicidade da sua fé, em forma de abandono a Deus, no meio de um sentimento de ausência de Deus, extensível ao nosso século, como testemunho de fidelidade amorosa a Deus.<sup>47</sup>

No dia 29 de Junho de 1973, Solenidade de S. Pedro e de S. Paulo, pôs o Dia Mundial das Missões sob a protecção de Teresa do Menino Jesus: «Bendiga o Senhor a Jornada Missionária, em favor da qual dirigimos este insistente apelo. Desejamos pô-la sob a protecção especial de S. Teresa do Menino Jesus, da qual celebramos o centenário do seu nascimento».<sup>48</sup>

J. Paulo I (1978), nos 33 dias de Pontificado, «o Papa do sorriso», ainda como A. Luciani, leu pela primeira vez a *História de uma Alma* aos dezassete anos. Diz a Teresa: «comoveu-me o teu modo de amar a Deus e ao próximo». Numa Conferência, ainda como Patriarca de Veneza, referiu-se, a 10 de Outubro de 1973, à prova da fé de Teresa.

## 6. «O mistério mais fundamental e mais universal»

J. Paulo II (1978...) propõe, a 10 de Novembro de 1978, a vida de Teresa, como exemplo a seguir pelas religiosas de Roma.<sup>49</sup>

Santa Teresa tem uma mensagem essencial, actual e universal. O seu «pequeno caminho» de «infância espiritual» pode ser proposto como caminho de santidade a todo o baptizado, seja ele frágil, imperfeito ou pecador. Na sua peregrinação a França, em Maio de 1980, pronunciou

---

<sup>46</sup> Cf. *Rivista di Vita Spirituale* 27 (1973) 446 - 448.

<sup>47</sup> Paulo VI, *Gaudete in Domino*, em *Enchiridion Vaticanum*, vol. V, pp. 791.

<sup>48</sup> Paulo VI, *Insegnamenti di Paolo VI*, Vol. XI (1973) 741.

<sup>49</sup> *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, vol. I (1978) 131.

uma memorável homilia na Basílica de S. Teresa de Lisieux, a 2 de Junho, diante de 80.000 pessoas, onde cita e comenta Rm 8, 14-15.

Na Audiência de 18 de Março de 1981, falando de oração e de recolhimento a milhares de jovens das dioceses italianas, recordava-lhes o exemplo de Santa Teresa do Menino Jesus que «de criança se retirava de vez em quando para rezar». «Que pensas? Respondia: «Penso em Deus, na vida, na Eternidade». Propunha aos jovens: «Reservai também vós um pouco de tempo, especialmente pela tarde, para rezar, para meditar, para ler uma página do Evangelho ou um episódio da biografia de qualquer Santo; criai uma zona de deserto e de silêncio, tão necessários para a vida espiritual. E se vos é possível participai também em Retiros e a cursos de Exercícios Espirituais, organizados nas vossas dioceses e paróquias».<sup>50</sup>

Na mensagem de 1984 para o Dia Mundial das Missões, dizia sobre Teresa do Menino Jesus:

«Santa Teresa do M. J., Padroeira das missões, prisioneira de amor no Carmelo de Lisieux, quis percorrer o mundo inteiro para plantar a Cruz de Cristo em cada lugar (...) E concretizou a universalidade e a apostolicidade dos seus desejos no sofrimento pedido a Deus e no oferecimento precioso de si mesma como vítima voluntária ao amor misericordioso. Sofrimento que alcançou o cume e o mais alto grau de fecundidade apostólica no martírio do espírito, no trabalho da obscuridade da fé, oferecido heroicamente para obter a luz da fé a tantos irmãos ainda imersos nas trevas».<sup>51</sup>

No Dia Mundial das Missões de 1992 voltou a falar do magistério de Teresa aos seus compatriotas.

A 29 de Outubro de 1994, na homilia da clausura do Sínodo dos Bispos sobre a Vida Consagrada e a sua Missão na Igreja e no mundo, falou da acção sempre fecunda do Espírito de Deus na Igreja desde a sua fundação e ao longo dos séculos: «No fim do século passado e neste século, o mesmo Espírito do Pai e do Filho falou por intermédio de Teresa do Menino Jesus, de Maximiliano Kolbe e da Irmã Faustina».

Na sua mensagem para o encontro da Jornada Mundial da Juventude realizada em Paris, em Agosto de 1997, voltou a falar novamente de Teresa de Lisieux, como de uma santa jovem que ajuda os jovens a encontrar o Amor de Deus e a vivê-lo no «Coração» da Igreja.

<sup>50</sup> *Ibid.*, vol. IV / 1 (1981) 681; vol. VII / 1 (1984) 1648s; ainda *Vie Thérésienne* 24 (1984) p. 238.

<sup>51</sup> AAS 87 (1995) 635.

## 7. «Uma eminente doutrina nascida da experiência espiritual»

Neste ambiente eclesial, favorável à proclamação do seu doutorado, a Igreja reconhece a importância do seu «carisma» eclesial, evidencia a excelência, o valor «eminente» da sua doutrina teológica e espiritual, conforme à verdade revelada nas S. Escrituras e ensinada pelo Magistério, consagra a sua universalidade, e faz a releitura da actualidade do magistério teresiano lexoviense.

O próprio magistério pontifício, bem como a teologia, reconhecem nela a presença de um alto dom de sabedoria divina, que não pode deixar de ser conhecida por todos os fiéis.

Neste sentido, Teresa, com a sua eminência doutrinal, nascida da experiência mística do Amor misericordioso de Jesus, ajuda a Igreja a compreender melhor a verdade revelada, na sua experiência espiritual dos mistérios de Deus, especialmente no mistério da sua santidade, manifestada como Amor misericordioso.

Neste mesmo sentido, de que o doutoramento confirmaria a revelação de Deus aos pequeninos, se pronunciaram, a 1 de Outubro de 1997, na festividade da Santa de Lisieux, os Superiores Gerais da Ordem do Carmo e da Ordem Carmelita Descalça em carta circular a todas as carmelitas e a todos os carmelitas.<sup>52</sup>

## 8. «Doutora do Amor de Jesus»

Qual o sentido do «doutoramento» de Teresa de Lisieux, proclamado pela Igreja? É um *prémio Nobel* que distingue Teresa pela sua acção em favor de uma causa justa? É um Doutoramento *honoris causa*? É um doutoramento numa especialização em Teologia espiritual, conferido por uma Universidade Católica, a uma aluna brilhante? Que significa, pois, um doutoramento no fim do Século XX e às portas do terceiro milénio?

---

<sup>52</sup> «Uma Doutora para o Terceiro Milénio». *Carta circular dos Superiores da Ordem do Carmo e da Ordem Carmelita Descalça por ocasião da declaração de Santa Teresa de Lisieux como Doutora da Igreja*, n. 32.

«...A mensagem sapiencial da doutrina de Teresa de Lisieux poderá ecoar com força: o anúncio do Amor misericordioso de Deus para com todos, manifestado em Cristo; o apelo universal à santidade; o convite a alimentar-se da Palavra de Deus, especialmente do Evangelho». <sup>53</sup>

Em que sentido, pois, entende a Igreja este «doutoramento», outorgado a Teresa de Lisieux? Qual a *identidade singular* da eminência da sua «pequena doutrina» e, conseqüentemente, do seu «pequeno caminho», que dão à sua santidade e ao seu doutoramento uma originalidade específica entre os outros Doutores da Igreja?

«Aplicado a Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, o título de Doutor não tem um significado acadêmico e intelectual (...). Porém, é inegável que ela exerceu e exerce um magistério universal, novo e original, sobre temas essenciais da teologia, sobretudo, da teologia espiritual». <sup>54</sup>

Não podemos estranhar que o magistério doutoral teresiano tivesse demorado tanto tempo a ser reconhecido oficialmente pela Igreja, nem muito menos que, uma vez acontecido, possa causar ainda estranheza a alguns, perplexidade a outros e, porventura, escândalo aos que mais resistências opunham à pessoa e ao ensino de Teresa, aliás, como aconteceu com Jesus, também ele não acreditado logo à primeira pelos seus. <sup>55</sup>

Parece-nos que o título de «Doutor», conferido pela Igreja a Teresa de Lisieux, põe em evidência, como no caso de Jesus, a «origem sobrenatural» da sua «teologia», isto é, da sua «ciência de Amor»: <sup>56</sup> «Jesus não tem necessidade nenhuma de livros nem de *doutores para instruir as almas*. Ele, o *Doutor dos doutores, ensina sem ruído de palavras*». A doutrina de Teresa – «a minha pequena doutrina» <sup>57</sup> –, como a de Jesus, «não é dela, mas *de Deus*», no sentido de que «vem de Deus».

<sup>53</sup> *Positio*, p. 2.

<sup>54</sup> Pedido de concessão do título de Doutora da Igreja a Santa Teresa do Menino Jesus, texto do Episcopado Brasileiro, aprovado na 30ª Assembleia Geral da CNBB em 1992, e enviado ao Santo Padre: «Duas categorias de pessoas na Igreja de que somos pastores, no Brasil, sentir-se-ão contempladas no dia em que Vossa Santidade conferir o título de Doutora a Santa Teresinha: as *mulheres*, gratificadas por verem a terceira mulher agraciada com tal título; os *jovens*, que ainda constituem uma grande percentagem da população, ao verem proclamada Doutora aquela que será, de longe, a mais jovem entre os Doutores». (V. R. Ascuy - E. de la Serna, *a. c.*, p. 38).

<sup>55</sup> Cf. Mc 6,1-6)

<sup>56</sup> «A teologia de Teresa de Lisieux é “ciência de Amor”, segundo as suas próprias palavras: “A ciência de Amor... não desejo senão esta ciência” (B 1 r).

<sup>57</sup> B 1 v.



E, no entanto, «a doutrina evangélica», a sabedoria dos santos – «os santos são os que mais sabem de Deus»<sup>58</sup> –, Teresa adquiriu-a na leitura meditada e orada do Evangelho.

## 9. «Doutora do Vaticano II»

Possuidora desta «ciência que arrebatava os maiores gênios», desta «oração que abrasa com fogo de amor» os maiores santos, parece-nos que basta esta sua «existência teológica», para a propor como «Doutora do Amor» no «Coração da Igreja» nossa Mãe.

«No Coração da Igreja, minha Mãe, eu serei o Amor». Na sua «vocação ao amor», Teresa está no «coração do Concílio Vaticano II», porque, no seu «amor a Deus e ao próximo», «descobre aos homens a sublimidade da sua vocação», que é «única e divina».

Justifica-se este título teresiano, em razão da sua vocação ao amor e da sua missão de amar a Igreja, no seu «zelo da carmelita que abraça o mundo».<sup>59</sup>

É esta centralidade da sua vocação e da sua missão no amor de Jesus e da Igreja que a situa, de uma maneira antecipadamente longínqua, mas realmente próxima, da «eclesiologia de comunhão» do Concílio Vaticano II.<sup>60</sup>

«Na Igreja, a Santa de Lisieux aparece como a *Doutora do Amor de Jesus* inseparavelmente amando-o e fazendo-o amar, chamando o homem do nosso tempo à sua mais alta vocação da santidade, que consiste em «Viver de amor» na verdade e na plenitude».<sup>61</sup>

---

<sup>58</sup> H. U. von Balthasar, *Sólo el amor es digno de fe*, Salamanca, 1990, p. 12.

<sup>59</sup> C 33 v.

<sup>60</sup> Para o tema da «Presença de Teresa de Lisieux no Concílio Vaticano II» (Cf. *Positio*, pp. 371 - 373). «Teresa, devido à sua influência na teologia e na espiritualidade, recebidas pela Igreja, encontra-se secretamente presente em numerosos capítulos da doutrina do Vaticano II, especialmente no capítulo V da *Lumen Gentium*, consagrado à vocação universal à santidade, que deve muito a Teresa» (*Positio*, p. 599).

<sup>61</sup> F. - M. Léthel, *l'Amour de Jésus*, em *Thérèse de l'Enfant-Jésus Docteur de l'Amour*, Éd. du Carmel, Venasque, 1990, p. 113. «Por adiantamento, Teresa ilustrou o mais importante de todos os ensinamentos do Concílio Vaticano II, o chamamento universal à santidade (LG 5). Este homem, criado à imagem e semelhança de Deus, ferido pelo pecado e salvo por Jesus, é todo o homem, porque “Cristo uniu-se a todo o homem”» (*Positio*, pp. 109 - 110). «Assim como pôde ser

Teresa do Menino Jesus enriqueceu o património doutrinal e espiritual de toda a Igreja com a sua experiência e a sua doutrina sobre a infinita misericórdia da Jesus.

«A Igreja pode enriquecer o seu património espiritual e o seu testemunho com a doutrina daqueles santos que ilustraram de uma maneira peculiar o mistério de Deus e da Trindade, especialmente o mistério de Deus Pai, de Cristo e do Espírito, a vivência da graça e suas fontes sacramentais, o valor da oração e do sacrifício, o mistério da Igreja, a vocação à santidade cristã».<sup>62</sup>

Na verdade, a Igreja foi enriquecida pela beleza da santidade da vida e pelo brilho da doutrina de Teresa sobre a confiança e o abandono ao Amor misericordioso.

É a principal razão pela qual ela é apresentada como Doutora, para o terceiro milénio, da experiência de um Deus próximo e misericordioso, da experiência do amor de Deus que se transforma em comunhão e serviço, do caminho evangélico da santidade, do caminho para a integração da pessoa, da fé para o mundo da incredulidade, da ternura de Deus pela humanidade.

Porém, o nome e o ensinamento de Teresa estivera já antes presente na Aula conciliar e no espírito saído do Vaticano II.

«O nome da santa ecoou na Basílica de S. Pedro bem 15 vezes para confirmar algumas verdades básicas da vida da Igreja, especialmente das que concernem à relação entre vida de oração e sacrifício, entre oração, contemplação e missões, entre santidade e apostolado, do amor à Igreja, do valor apostólico da consagração religiosa, da missão como essência da vida cristã, da devoção a Nossa Senhora».<sup>63</sup>

Na verdade, Teresa encontrou na Palavra de Deus o sentido da Encarnação, como «Amor que se baixa» até ao «nada», o apelo à santidade para todo o baptizado, mesmo para as «pequenas almas»,<sup>64</sup> a

---

proclamada padroeira das missões, assim também poderá ser doutora do evangelho da Misericórdia – do «Amor que se quer dar» – sem ter feito outras obras escritas que os seus manuscritos autobiográficos» (F. Girard, *a. c.*, p. 180). Ao «estar na verdade» (UC 9.5.1), que é Jesus-Verdade (Ct 165), ensina a «dizer a verdade» (UC 6.7.6), «toda a verdade» (UC 18.4.3), a «expressar a verdade» (UC 3.9.1), a praticar a verdade (Jo 3, 21) na caridade (1 Jo 3, 18). É o seu «amar Jesus e fazê-lo amar» (Ct 220), o seu último acto de caridade teologal: «Meu Deus eu vos amo» (UC 30.9).

<sup>62</sup> J. Castellano, *a. c.*, pp. 3 - 21. 18.

<sup>63</sup> M. Caprioli, *a. c.* p. 363

<sup>64</sup> Teresa ensina um caminho de santidade para todos. A missão teológica de Teresa contribui para a explicitação da doutrina da vocação universal à santidade do Vaticano II» (C. Meester, *Las manos vacías. El mensaje de Teresa de Lisieux*, Burgos, 1997, p. 10). O «pequeno

visão de uma «eclesiologia de comunhão», onde o «amor é tudo» e «faz agir os membros da Igreja».

Ela é «doutora do coração do Vaticano II», não só porque, «pela contemplação e estudo e meditação no seu coração», e «pela inteligência interior que teve das coisas espirituais» fez e faz «crescer a compreensão tanto das coisas como das palavras», mas também porque, «guiada e inspirada pelo Doutor dos doutores no que deve dizer ou fazer», «ensina à maneira do Vaticano II», com «palavras e gestos intrinsecamente interligados entre si», a «pequena doutrina», o «pequeno caminho» para «a santidade», que é «a autêntica interpretação do Concílio».

«Teresa é doutora do Vaticano II pela sua *nova maneira de ensinar* «non loquendo sed vivendo»; aliás, como Jesus, o Doutor dos Doutores, nas «realidades da vida quotidiana» a ensinou a ela e sem ruídos de palavras (A 83 v). Santa Teresa do Menino Jesus aparece não só no coração do Vaticano II, mas como *doutora do coração do Vaticano II*».<sup>65</sup>

## 10. «Doutora em Catecismo»

A «pequena doutora», que preferia «o catecismo e a história sagrada», que «contemplava o ambiente com sérias reflexões» e «gostava de contar histórias», e foi «catequista de crianças», viu, no pós-Concílio, a sua voz presente, com a de outros muitos santos, no Catecismo da Igreja Católica de 1992.<sup>66</sup> Teresa é citada seis vezes no *Catecismo da Igreja Católica*, no que diz respeito ao mistério da «oração cristã» (no número 2558 cita C 25 r - v), à «atração que o Evangelho exerceu sobre a vida dos santos» (no n. 127 cita A 83 v), à «caridade como alma da santidade» (no n. 826 cita B 3 v), à «caridade de Cristo como fonte do nosso mérito diante de Deus» (no n. 2011 cita a Or 6, ou seja, o Acto de Oferecimento ao Amor misericordioso), à «intercessão dos santos» (no n. 956 cita UC 17.7), e ao «sentido da morte cristã» (no n. 1011 cita erradamente NV em vez da Ct 244).

---

caminho» das «virtudes escondidas e ordinárias», que Teresa desejou para si e que, segundo ela, é a santidade mais verdadeira e mais santa, é um modelo atraente de *santidade para todos no quotidiano da pequenas coisas* (A 78 r).

<sup>65</sup> E. Michelin, «*La vocation ultime de l'homme est unique, à savoir divine*». *Thérèse de l'Enfant-Jésus Docteur de l'Amour*, Venasque, 1990, p. 109.

<sup>66</sup> Sobre a presença de Teresa de Lisieux no *Catecismo da Igreja Católica* (Cf. *Positio*, pp. 374 - 376).

No Sínodo dos Bispos da Igreja Católica de 1990 sobre a «Formação dos sacerdotes no mundo de hoje», o cardeal Poupard, presidente do Conselho Pontifício para o Diálogo com os Não-crentes, recordou, a 15 de Outubro, aos jovens seminaristas a doutrina de Teresa de Lisieux sobre o sacerdócio.

Lembra ainda o Cardeal que «Teresa recebeu a graça de ajudar um seminarista de 22 anos, Maurice Bellière (que será Padre Branco em África) e um sacerdote de 26 anos, das Missões Estrangeiras, o P. Adolphe Roulland, que partirá para a China.<sup>67</sup>

No Sínodo dos Bispos de 1994 sobre «A vida consagrada e a sua missão na Igreja e no mundo», o Secretário Geral do Sínodo, D. Jan Pieter Schotte, no final da sua relação sobre o trabalho do Secretariado Geral do Sínodo, evocou, a 3 de Outubro, a figura e a doutrina de Teresa. E o Cardeal de Viena, Hermann Gröer, pediu ao Papa, a 10 de Outubro, na sua intervenção, que declarasse Teresa de Lisieux Doutora da Igreja.<sup>68</sup>

Na Exortação Apostólica pós-sinodal *Vita Consecrata*, de 25 de Março de 1996, ao falar do «génio» da mulher, que deve promover um «novo feminismo», o Papa recorda as duas Doutoradas da Igreja, Teresa de Jesus e Catarina de Sena, sem esquecer o contributo de muitas outras místicas.

«No campo da reflexão teológica, cultural e espiritual, muito se espera do «génio» da mulher no que diz respeito não só à especificidade da vida consagrada feminina, mas também à inteligência da fé em todas as suas expressões. A propósito disto, pense-se quanto deve a história da espiritualidade a santas como Teresa de Jesus e Catarina de Sena... A Igreja conta muito com as mulheres consagradas».<sup>69</sup>

Porém, o Papa ao falar de Maria, *a imagem viva da Igreja-Esposa*, evoca a vocação virginal, esponsal e maternal de Teresa do Menino Jesus – «Ser vossa esposa, ó Jesus, (...) ser, na minha união convosco, *mãe* das almas» (B 2 v) – para esclarecer que do «amor virginal provém uma particular fecundidade que contribui para o nascimento e crescimento da vida divina nos corações».<sup>70</sup>

---

<sup>67</sup> *Synodus Episcoporum* - Boletim nº 28 - 15 / 10 / 1990, p. 15. Cf. *L'Osserv. Rom.*, 17 de Outubro de 1990.

<sup>68</sup> J. Schotte, Relação de 3 de Outubro de 1994. Cf. *L'Osserv. Rom.*, 3 - 4 de Outubro de 1994, p. 9. E H. Gröer, *L'Osserv. Rom.*, 12 de Outubro de 1994, p. 8.

<sup>69</sup> J. Paulo II, VC n. 58.

<sup>70</sup> *Ibid.*, n. 34.

Ao abordar o tema do «sentire cum Ecclesia», entre outros fundadores e fundadoras, recorda o Papa «a jubilosa profissão de fé de Teresa de Jesus: «Sou filha da Igreja». De seguida, lembra o sentido do amor à Igreja, criador de uma «espiritualidade de comunhão missionária», e evoca «o anseio de Teresa de Lisieux»: «No coração da Igreja, minha Mãe, eu serei o amor» (B 3 v), testemunho representativo da plena comunhão eclesial.<sup>71</sup>

Ao falar da primeira evangelização como anúncio de Cristo aos povos, ao dizer que a vida consagrada, por força do sua consagração a Deus, não pode deixar de participar na actividade missionária da Igreja, recorda Teresa nestes termos: «Aquele desejo tantas vezes manifestado por Teresa de Lisieux: «Amar-Te e fazer-Te amar»... manifesta a irreprimível tensão missionária que determina e qualifica a vida consagrada».<sup>72</sup>

## 11. História de um Doutoramento

«A irradiação de Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, da diocese de Bayeux e Lisieux, é mundial desde os primeiros anos do século XX, com a difusão da *História de uma Alma* em quase 50 línguas e dialectos, conhecida, a partir de 1956, como *Manuscritos Autobiográficos*».<sup>73</sup>

Aquela que durante muitos anos foi considerada «a santinha das rosas» é certamente «a maior taumaturga dos tempos modernos» (Pio XII), a «padroeira universal das missões» (Pio XI, 1927), da «Missão de França» (Cardeal Suhard, 1941), a padroeira secundária de França com Santa Joana d'Arc (Pio XII, 1944), a padroeira do México (1929), a padroeira do «Russicum» (Pio XI, 1929), «a maior santa dos tempos modernos» (S. Pio X).

Ela possui uma doutrina teológica e espiritual que alimentou e continua a alimentar milhões de pessoas em todo o mundo, tanto nos ambientes simples como nos intelectuais. A doutrina foi, como vimos, evocada por todos os Papas, desde Bento XV até João Paulo II, a 2 de Junho de 1980, em Lisieux.

<sup>71</sup> *Ibid.*, n. 46.

<sup>72</sup> *Ibid.*, n. 77.

<sup>73</sup> Pedido dos Bispos Franceses, reunidos em Lourdes em Assembleia Plenária, a 29 / 10 / 1991.

Em 1924, saiu um número especial de *Vie Spirituelle* sobre Teresa de Lisieux. Pelos anos de 1931-1932, a revista *Lluvia de Rosas* tratava já o tema do doutoramento de Santa Teresa de Lisieux nas suas páginas.<sup>74</sup> Em 1932, ano da inauguração da cripta da Basílica de Lisieux, celebrou-se o Congresso de Lisieux, onde o P. Gustave Desbuquois provou como uma mulher pode ser «doutora» da Igreja, e, com o apoio de bispos e teólogos, enviou a Roma um «dossier» a pedir o doutoramento de Teresa. Pio XI recusou, devido a tratar-se de uma mulher, como havia recusado, pela mesma razão – «obstat sexus» –, o doutoramento de Teresa de Ávila, «Mãe dos Espirituais», solicitado, em 1 de Fevereiro de 1923, pelos carmelitas.<sup>75</sup> Deixou a decisão para o seu sucessor, neste caso, para um dos seus sucessores.

Entretanto, a Madre Maria da Encarnação, ursulina de Trois Rivières (Canadá), de acordo com o seu bispo D. Clouthier, escreveu a todos os bispos do mundo com a intenção de preparar um pedido oficial à Santa Sé. Em 1993, já tinha recebido 342 respostas favoráveis de bispos que apoiavam a proposta do doutoramento de Santa Teresa de Lisieux.

A 4 de Abril de 1935, o director da revista *Rosas de Santa Teresinha*, de Lisboa, levou uma petição ao Papa, com 57.000 assinaturas, a pedir o doutorado de Santa Teresinha. Em 1937 celebrou-se o Congresso de Paris. Em 1973, ano do centenário do nascimento, realizou-se um Congresso em «Notre-Dame de Vie», Venasque, onde se reuniram teólogos, exegetas, pastores para ressaltar o valor do retorno ao Evangelho que é a via de infância espiritual. D. Garrone realçou a questão do doutoramento de Teresa de Lisieux: «Santa Teresa pode tornar-se um dia Doutora da Igreja? Respondo que sim sem hesitação, encorajado pelo que se passou com a grande santa Teresa ou com santa Catarina de Sena».<sup>76</sup> Aí, o teólogo H. U. von Balthasar disse que já é tempo de a Igreja escutar as mulheres que tenham experiência de Deus e uma palavra a dizer sobre mística.

Em 1970, Paulo VI declarou Teresa de Jesus e S. Catarina de Sena Doutoradas da Igreja e, consta, de fonte segura, que desejava

---

<sup>74</sup> Emilio G. Calle, «Santa Teresita, Doctora de la Iglesia», em *Lluvia de Rosas 1931 - 1932*.

<sup>75</sup> P. Drouler, «Le doctorat de Sainte Thérèse de Lisieux proposé en 1932», em *Ephemerides Carmeliticae*, 24 (1973) 86 - 129 (Cf. ainda *Vie Thérésienne* 132 (1993): «Quanto ao título de Doutor a conceder a Santa Teresa do Menino Jesus, o Santo Padre é de acordo que é melhor não falar nisso; e para ser mais seguro que não se fale disso, convém não pensar nisso» (p. 118).

<sup>76</sup> Conférence du 13 mai 1973 à Notre-Dame de Vie (Venasque), publicada em *Vie Thérésienne*, n. 136, 1994, pp. 239 - 252.

também o de Santa Teresa do Menino Jesus. Abriu uma porta para o doutoramento de outras mulheres santas. Depois da suspensão de todas as concessões do título de Doutor da Igreja, decretada por Paulo VI em 1972, a causa do doutoramento de Teresa do Menino Jesus é a primeira a ser discutida». Em 1992, o tema do doutorado de Teresa continua a ser tratado nas revistas da especialidade.<sup>77</sup>

Desde o seu leito, o Padre Congar ditou as seguintes palavras. O Doutoramento de Teresa de Lisieux é desejado por Cardeais e Bispos de todo o mundo, particularmente da Ásia, da África e da América Latina. Depois dos acontecimentos europeus de 1989 também os países do Leste europeu fazem seu este apelo, e mesmo certos meios ortodoxos.

No actual movimento de renovação carismática, a Santa de Lisieux, filha dos doutores da Igreja, Teresa de Ávila e S. João da Cruz (1926), aporta uma luz evangélica muito pura e contribui para o discernimento em todos os campos da espiritualidade.

Os jovens são particularmente sensíveis, quer aos diversos movimentos eclesiais, quer às novas comunidades. As peregrinações a Lisieux não deixam de aumentar, as instituições colocadas sob o patronato de Teresa (1297 em todo o mundo) têm sede de doutrina, bem como as Congregações que a elegeram como padroeira (umas 50).

A 25 de Junho de 1981, o Cardeal Roger Etchegaray, a pedido do Carmelo teresiano, e após consulta ao Conselho Permanente do Episcopado francês, enviou uma carta postulatória ao Papa J. Paulo II a solicitar que Teresa de Lisieux fosse declarada Doutora da Igreja: «Venho pedir a Vossa Santidade que se digne proclamar santa Teresa do Menino Jesus doutora da Igreja». Por seu lado, a Postulação da Ordem e D. Pierre Pican, bispo de Bayeux e Lisieux, reiteravam o mesmo pedido em cartas oficiais. O Padre Léon Merklen retomou o pedido no jornal *La Croix* de 7 de Julho de 1982 e o pedido foi acolhido a nível mundial. Em 1989, publicou-se a Edição do Centenário das Obras Completas de Teresa de Lisieux, coroada pela Academia Francesa.

A 19 de Abril de 1991, o Capítulo Geral dos Carmelitas Descalços, reunido em Roam (Ariccia), dirigiu uma súplica ao Papa a pedir o Doutoramento da jovem carmelita descalça.

---

<sup>77</sup> *Id.*, «Santa Teresita ¿será declarada Doctora de la Iglesia?», em *Lluvia de Rosas* 69 (1992) 7 - 9.

Em 1992, publicou-se a Edição crítica do Centenário em 8 volumes e também o *Totum*, a «Nova Edição do Centenário» num volume. Uma edição crítica das Obras Completas do Santo canonizado, candidato a Doutor da Igreja, é absolutamente necessária para dar uma visão certa do perfil da sua santidade e da solidez da sua doutrina. Apesar de não ser «iletrada», como S. Catarina de Sena, que não sabia ler nem escrever, o Espírito leva-a ao centro dos problemas teológicos e pastorais da Igreja.

Em 1993, o cardeal Moreira das Neves, na homilia na Basílica de Lisieux, fazia a petição de doutoramento de S. Teresa de Lisieux ao Papa.

Em 1995, foi a vez do Carmelo da Antiga Observância fazer o seu pedido ao Papa em favor do Doutoramento de Teresa de Lisieux.

Mais de 50 Conferências episcopais de todo o mundo pediram ao Papa a proclamação de Teresa de Lisieux como Doutora da Igreja. Os seus pedidos estão apoiados por mais de 250.000 assinaturas provenientes de 107 países.

Em 1996, na visita *Ad limina* dos Bispos franceses da Região-Oeste, foi novamente pedido ao Santo Padre o doutoramento de Teresa de Lisieux.

A princípios de 1997, foi solicitado oficialmente ao Carmelo Teresiano, que elaborasse a «Positio», a saber, o conjunto das provas para demonstrar que Teresa de Lisieux reunia as condições necessárias para ser declarada Doutor da Igreja.

A 8 de Março de 1997, foi apresentado ao Papa o *Supplex Libellus*, onde se expõe brevemente as razões sobre «a oportunidade de declarar Teresa do Menino Jesus Doutora da Igreja universal».

«No limiar do terceiro milénio, acreditamos que a divina Providência reservou a Vossa santidade, neste ano centenário da morte da santa de Lisieux, a graça e a honra de esclarecer ainda mais o seu carisma na Igreja conferindo-lhe o título de Doutora. Ao receber este título, Teresa de Lisieux continuará a ser o amor no coração da Igreja, uma chama de amor que ilumine e aquece. A sua mensagem poderá assim tornar-se mais e mais actual e acreditada, neste período da história».<sup>78</sup>

---

<sup>78</sup> *Positio, Supplex Libellus*, V. *Le Temoignage du Magistere de l'Église*, p. 13.



Em Abril de 1997, ano centenário da morte de Teresa, os Carmelitas Descalços celebraram o seu Capítulo Geral em Lisieux, junto do túmulo da Santa, na expectativa de que a Igreja reconhecesse a eminência da sua doutrina do amor.

Após o estudo da «Positio», as Congregações para a Doutrina da Fé e para a Causa dos Santos, e o Consistório dos Cardeais deram a aprovação para a sua declaração como Doutora da Igreja.

## 12. O anúncio solene do Doutoramento

Com luz verde para actuar, o Papa João Paulo II quis fazer o anúncio solene da proclamação de Teresa de Lisieux, como Doutora da Igreja universal, durante a Jornada Mundial da Juventude, certamente para propor esta mulher, esta jovem, esta contemplativa, como exemplo de santidade e de ciência para a juventude do nosso tempo.

«Tenho a alegria de anunciar que, no Domingo das Missões, 19 de Outubro de 1997, na Basílica de S. Pedro em Roma, *proclamarei Santa Teresa do Menino Jesus e da Sagrada Face, Doutora da Igreja*. Quis dar aqui o anúncio solene, porque a mensagem de Santa Teresa, jovem santa tão presente no nosso tempo, é particularmente adequada a vós, jovens: na escola do Evangelho, ela abre-vos o caminho da maturidade cristã; chama-vos a uma infinita generosidade; convida-vos a ser no «coração» da Igreja os discípulos e as testemunhas ardentes da caridade de Cristo».<sup>79</sup>

De facto, a proclamação de Teresa de Lisieux como Doutora da Igreja, a 19 de Outubro de 1997, Dia Mundial das Missões, apresentará ao mundo a pequena Teresa como arauto privilegiado do *Amor Misericordioso do Pai, manifestado pelo Filho Jesus, pelo poder do Espírito*. Na verdade, a 17 de Julho de 1897, na enfermaria do Carmelo de Lisieux, ela dizia que «a sua missão de fazer amar o Bom Deus como ela o ama, e de dar o seu pequeno caminho às almas ia começar». E cumpriu a sua promessa: «O meu Céu será passado na terra até ao fim do mundo. Sim, passarei o meu Céu a fazer o bem sobre a terra». Na pessoa do P. Maurício Bellière Teresa de Lisieux ensina a todos, desde

---

<sup>79</sup> J. Paulo II, *Alocução mariana no final da Missa no Hipódromo de «Longchamp»*, 24 / 8 / 1997.

o Céu, o seu «pequeno caminho» de confiança e de abandono na Misericórdia de Deus e está com cada um dos seus irmãos.<sup>80</sup>

A Madre Teresa de Calcutá, que em 1931 mudara o seu nome para Teresa em honra da carmelita de Lisieux, quando soube do anúncio do Doutoramento de Teresa de Lisieux, feito por J. Paulo II, em Paris, na sua última mensagem à sua família espiritual, em carta de 5 de Setembro de 1997, que não assinou, porque, entretanto, o Senhor a levou consigo para a casa do Pai, deixou o seu testemunho sobre o facto, que é o seu testamento teresiano, em que sobressai a razão evangélica do grande amor nas pequenas coisas, de que Teresa é mestra.

«E agora ouvi dizer que Jesus nos vai conceder mais um dom. Este ano, 100 anos depois da sua partida para junto de Jesus, o Santo Padre vai declarar a «Florzinha» Doutora da Igreja. Imaginai – por ter feito coisas pequeninas com um grande amor, a Igreja vai fazê-la doutora, como S<sup>to</sup> Agostinho e como a grande S<sup>ta</sup> Teresa! É exactamente como Jesus disse no Evangelho àquele que se tinha ido sentar no último lugar: «Amigo, vem mais para cima». Então, permaneçamos pequeninas e sigamos o caminho da confiança, do amor e da alegria da «Florzinha»; assim cumpriremos a promessa da Madre de dar santos à Madre Igreja».<sup>81</sup>

Se «a cada um é dada a manifestação do Espírito Santo para aproveitamento de todos» (1 Cor 2, 7), a Teresa, «o Espírito deu-lhe – no seu diálogo com Deus na oração – uma palavra de sabedoria» (1 Cor 7, 8), para alimentar a vida espiritual das suas noviças, com o pão espiritual da Palavra e da vontade de Deus.<sup>82</sup>

«Quem tem o dom do ensino, que o empregue a ensinar» (Rm 12, 7). Possuidora deste «dom de ensino», Teresa, torna-se «mãe e mestra» dos sacerdotes, na pessoa do P. Bellière: «... A este soldado que tem um ar tão marcial, dou conselhos como a uma rapariguinha! Mostro-lhe o caminho do amor e da confiança».<sup>83</sup> Apresenta-lhes Jesus, no Tesouro da sua Palavra, do seu Corpo e Sangue, como o alimento da sua oração eucarística e do seu «viver com Jesus», que é o «seu caminho», de confiança e de

---

<sup>80</sup> Cf. Ct 258.

<sup>81</sup> Carta da Madre Teresa de Calcutá, 5 de Setembro de 1997, completada e assinada pela Ir. Nirmala.

<sup>82</sup> C 22 r - v. «Teresa recebeu a missão de ajudar os homens a entrar em relação com Deus, mas também nas relações interpessoais de uns com os outros» (J. Lafrance, *Guía de Almas*, p. 225).

<sup>83</sup> UC 12.8.2.

amor, para o Céu. Quer ser, no seu «magistério celeste», a alma e a presença amiga, que nos faz experimentar a felicidade possível de ter alguém amigavelmente ao nosso lado na terra.

Teresa permanece, por vontade de Deus, como farol que faz brilhar a luz do Amor de Deus, que chama os homens do terceiro milénio à «comunhão do Amor», a fim de poderem construir a «civilização do amor».<sup>84</sup>

Com a sua «teologia do coração», não só faz parte da riqueza do património espiritual da vida da Igreja, como soube transmitir a beleza do seu «caminho de amor» a Jesus e à Igreja, especialmente à «juventude consagrada». Porque soube, com a sua «teologia do amor», «indicar um caminho todo novo» e «seguro» para encontrar e ser encontrado por Deus, é que vai ser proclamada «Doutora» da «Ciência do Amor Divino».

«Queridos religiosos e religiosas, quanta riqueza espiritual possui a vossa história! ... A simples e grande Teresa do Menino Jesus e da Santa Face será proclamada Doutora da Igreja precisamente por este motivo: porque com a «teologia do coração» *soube indicar*, com termos acessíveis a todos, *um caminho seguro para buscar a Deus e para se deixar encontrar por Ele*».<sup>85</sup>

### 13. «Doutora da Igreja universal»

Na manhã do dia 19 de Outubro de 1997, na Missa da proclamação de Teresa do Menino Jesus e da Santa Face como «Doutora da Igreja», antes do canto do «Glória», o Pró-Prefeito da Congregação para as Causas dos Santos, D. Alberto Bovone, acompanhado do Bispo de Bayeux, do Prepósito-Geral da Ordem dos Carmelitas Descalços e do Postulador, leu uma síntese da Carta Apostólica «Divini Amoris Scientia» que contém as motivações da atribuição do Título de Doutora da Igreja a Santa Teresa do Menino Jesus.

Seguidamente, o Santo Padre, de pé, seguindo o ritual da proclamação de um «Doutor da Igreja», tomou a palavra para reconhecer oficialmente o

---

<sup>84</sup> Cf. P. M. Eugène de l'Enfant-Jésus, *Sainte Thérèse de l'Enfant-Jésus, Docteur de la vie mystique*, em *Thérèse de l'Enfant-Jésus Docteur de l'Amour*, Venasque, 1990, p. 361.

<sup>85</sup> J. Paulo II, «Discurso aos Jovens Religiosos (as) do Congresso Internacional de Roma, 30 de Setembro de 1997.

seu carisma de doutora, e a proclamar aqui e agora, e para sempre, com a sua autoridade pontifícia, «Doutora da Igreja universal».

Depois da Liturgia da Palavra, deste domingo, Dia Mundial das Missões, o Santo Padre, João Paulo II, fez a homilia, na qual, com base na profecia messiânica de Isaías «as nações caminharão à tua luz» (Is 60, 3), e no mandato missionário de Jesus (Mt 28, 19 - 20), recordou que Teresa de Lisieux desejava ardentemente ser missionária e que recebeu a «sabedoria dos pequenos». Por isso, o título de «Doutora da Igreja universal», resume a sua vocação ao Amor divino e constitui a «pequena via», que contém o segredo da existência e dirige toda a aventura humana, em especial a dos jovens, que têm sede de verdade e de amor. «Surpreende», de facto, que o Espírito, que renova todas as coisas, «ensine» a «ciência do Amor» à Igreja e ao Mundo de hoje, por meio de uma mulher, jovem e contemplativa. Eis um extracto de dita homilia.<sup>86</sup>

## 14. «A Ciência do Amor Divino»

No mesmo dia 19 de Outubro de 1997, vinha a público a Carta Apostólica de Sua Santidade o Papa João Paulo II, sob o título «Divini Amoris Scientia», que declara Teresa do Menino Jesus e da Santa Face como Doutora da Igreja universal.

Em apenas 12 números, o Santo Padre apresenta a «Ciência do Amor Divino» como dom do Pai, pelo Filho, no Espírito (n.1) a pronta receptividade universal da sua vida e doutrina no nosso século (n. 2), a proposta por parte dos Pastores da Igreja da sua santidade como exemplar para todos e do seu ensino espiritual que faz dela uma das grandes mestras da vida espiritual do nosso tempo (n. 3), os pedidos que chegaram à Sé Apostólica para lhe ser atribuído o título de Doutora da Igreja universal (n. 4), um resumo da sua vida de santidade (n. 5), um sumário dos seus escritos (n. 6), os aspectos salientes da sua «eminente doutrina», que fundamentam a atribuição do título de Doutora da Igreja (n. 7), ela mesma como autêntica mestra da fé no Amor misericordioso e da vida cristã vivida como amor no coração da Igreja, a exemplo da Virgem Maria (n. 8),

---

<sup>86</sup> J. Paulo, «Homilia da Missa do Dia Mundial das Missões e da Proclamação de Santa Teresa de Lisieux como “Doutora da Igreja universal”», 19 de Outubro de 1997, em *L'Osserv. Rom.*, ed. port., n. 43 (1.454) 25 de Out. de 1997, p. (495) 3.

o seu amor apaixonado ao Evangelho (n. 9), o reconhecimento do contributo da sua doutrina para a difusão do Reino de Deus e a universalidade do seu acolhimento pelos fiéis (n. 10), a actualidade da sua doutrina de jovem mulher contemplativa e a sua incidência no mundo de hoje (n. 11), a oportunidade providencial do ano centenário da sua gloriosa morte para a sua proclamação como Doutora da Igreja universal (n. 12).

Na verdade, a sua «eminente doutrina» sobre o «Amor divino», é um dom da Santíssima Trindade concedido à «pequenina» Teresa para «edificação da Igreja» na experiência, na vida e no testemunho de fé, esperança e amor no nosso tempo.<sup>87</sup>

## 15. «Na escola da pequena via do Amor»

No dia seguinte, segunda-feira, às 12 horas, na Aula Paulo VI, em audiência particular aos peregrinos, idos para participarem na proclamação de Teresa de Lisieux como «Doutor da Igreja», o Papa João Paulo II referiu-se ainda, em francês, italiano e espanhol, ao doutoramento, apresentando a nova «Doutorada» como «aquela que encarna para nós a «pequena via» do Amor a Cristo, à Igreja, aos irmãos, e ao mundo. Na escola de Teresa, compete aos seus discípulos apropriar-se da sua eminente doutrina do Amor Divino e difundir-la com a palavra e com a vida.

João Paulo II dirigiu ao Bispo de Bayeux e Lisieux, S. E. Mons. Pican, ao Arcebispo Prelado da Missão de França, S. E. Mons. Gilson e aos membros das famílias Carmelitas o seguinte discurso, de que transcrevemos esta passagem.

«A jornada de ontem permitiu-vos participar numa cerimónia rara na vida da Igreja, mas rica de sentido: a proclamação de um Doutor da Igreja (...) Caros irmãos, queridos amigos, toca-vos viver cada dia esta doutrina oferecida agora publicamente a toda a Igreja. Tereis o cuidado de vos apropriardes dela, de a fazer conhecer melhor».<sup>88</sup>

<sup>87</sup> Cf. J. Paulo II, Carta Apostólica «Divini Amoris Scientia». Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face é declarada Doutora da Igreja universal, 19 / 10 / 1997.

<sup>88</sup> J. Paulo II, *Discurso aos peregrinos idos para a proclamação da Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face como «Doutor da Igreja»*, 20 / 10 / 1997.

Porque foi enriquecida pelo Espírito Santo com um carisma doutrinal, verdadeiro dom à Igreja universal, concedido a uma mulher, monja contemplativa, na flor da sua juventude, pode, à sua maneira, ao mesmo tempo como mestra e testemunha, num mundo como o nosso necessitado das intuições da sabedoria dos mestres, acompanhada pelo testemunho da vida dos Santos e das Santas, com o novo título de «doutora», continuar a ensinar os caminhos do Evangelho e a ser testemunha do amor de Deus pelos homens e mulheres do terceiro milénio. Por isso, a experiência, a espiritualidade, a doutrina e a mensagem de Teresa de Lisieux tornam-se num desafio para os cristãos de hoje e de amanhã que procuram uma vida iluminada pelo amor de Deus e pela graça da sua fidelidade.

Teresa estará também no Céu sentada entre os doutores, ou melhor, será «doutora com os doutores». Como ela, também nós haveremos de ser «doutores com os doutores».

*«Voltou a falar-me da Comunhão dos Santos:*

*... Com as virgens, seremos como as virgens; com os doutores, como os doutores; com os mártires, como os mártires, porque todos os santos são parentes nossos; mas os que tiverem seguido o caminho da infância espiritual conservarão sempre os encantos da infância».*<sup>89</sup>

---

<sup>89</sup> UC 13.7.12.

# POR CRISTO À TRINDADE

JEREMIAS CARLOS VECHINA

## Introdução\*

Estamos a celebrar o ano jubilar 2000, que por desejo de João Paulo II se deu por chamar o Grande Jubileu. Grande por memorizar os dois mil anos do nascimento de Jesus. E neste como noutros jubileus há umas notas que são constantes e características: a porta, a peregrinação e a indulgência.

A *porta* recorda-nos Jesus Cristo porta aberta para a intimidade com o Pai. Atravessar a *porta santa* leva-nos a fazer um acto de fé em Jesus salvador do homem.

A *peregrinação* recorda-nos a nossa condição de peregrinos, de caminhantes e convida-nos a fazer a caminhada que Jesus realizou da Galileia até Jerusalém. Esta é aliás a vida da Igreja. As mulheres no dia de Páscoa receberam um recado por parte de Jesus: “Ide dizer aos meus irmãos que vão para a Galileia que Eu lá os precederei”. Os discípulos de Jesus, por Ele acompanhados, vão fazer a peregrinação da Galileia para Jerusalém, já não a capital do reino, mas a Jerusalém celeste. Como Jesus sai de Deus e volta novamente para Deus, assim também o homem.

E a *indulgência* é a manifestação plena da misericórdia do Pai, que vem ao encontro do homem na pessoa de Jesus, dando-lhe o seu perdão.

---

\* Conferência proferida na XVII SEMANA DE ESPIRITUALIDADE organizada pelos Padres Carmelitas Descalços, em Avessadas, Marco de Canaveses, nos dias 21-26 de Agosto de 2000.

E este ano jubilar teve a sua preparação: o ano de 1997 foi dedicado à pessoa de Jesus; 1998 à pessoa do Espírito Santo e 1999 à pessoa do Pai. O ano jubilar 2000 à Santíssima Trindade. Se nós começamos as nossas celebrações: “Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”, como justificar esta ordem de preparação ao ano jubilar? Porque assim reza a Escritura.

Jesus aparece na História Sagrada como o supremo revelador de Deus, um Deus a que Ele chama de Pai. Em Jesus nós vemos e ouvimos o Pai. Em Jesus nós temos acesso ao Pai. Mas Jesus é um personagem muito misterioso: um homem que se manifesta Deus ao mesmo tempo. Nasce pela acção do Espírito, no início da sua vida pública é ungido pelo Espírito, durante a sua vida é conduzido pelo Espírito e termina a carreira da sua vida em tragédia. Isto é duro demais para a inteligência humana.

Jesus antes da sua morte promete aos discípulos o seu Espírito. Espírito que ele envia de junto do Pai e em seu nome, que estará com eles para sempre, ensinando-lhes todas as coisas e recordando tudo o que Ele disse. O Espírito aparece intimamente unido a Jesus. Se Jesus é o Mestre, o Espírito é o Mestre interior. Ele vai interiorizar nos discípulos toda a mensagem de Jesus e desde dentro vai-lhes fazer compreender essa mesma mensagem. E Ele vai encaminhá-los para a verdade total que é Cristo.

Nesta nossa reflexão teológica, *por Jesus Cristo à Trindade*, outra coisa não vou fazer que apresentar a experiência e a espiritualidade dos reformadores do Carmelo e doutores da Igreja, Santa Teresa de Jesus e S. João da Cruz.

## **1 - Por Jesus Cristo à Trindade em Teresa de Jesus**

### *1.1. Mulher de experiência*

Teresa é de Jesus não por decisão de pais ou padrinhos mas por opção pessoal. Isto manifesta de princípio a importância que Cristo tem na sua vida. Santa Teresa é uma das místicas de maior relevo na Igreja católica; ela está considerada como uma pessoa de maior experiência religiosa. “Eu não direi coisa que não tenha experimentado muito” (V 18,5). E “creio haver poucos que tenham chegado a ter experiência de



tantas coisas” (V 40,8). Papas e teólogos falaram desta experiência teresiana como dum dom concedido por Deus à sua Igreja.

E está fora de dúvida que Cristo foi o primeiro objecto da sua experiência mística. Escreve o P. Tomás Álvarez: “Cristo é a primeira realidade sobrenatural que Teresa teve consciência de alcançar com o olhar. Ele serviu-lhe de ponte de acesso e de porta de entrada ao mundo transcendente e sobrenatural”.<sup>1</sup>

Entre as muitas experiências místicas de Teresa, as mais numerosas e significativas foram de cariz cristológico. Mais ainda: em todas as visões e locuções divinas percebidas por ela sempre existe uma referência já seja explícita ou implícita a Jesus Cristo.

Depois de uma análise rigorosa à sua obra autobiográfica, principalmente ao *Livro da Vida* e *Contas de consciência* chegamos à conclusão que a sua experiência de abertura existencial ao infinito, transcendente e absoluto somente encontrou estabilidade emocional quando esse absoluto se identificou com Cristo.

### *1.2. Profundamente religiosa*

Os primeiros anos da sua existência estão marcados por um ambiente de profunda e absoluta religiosidade. Apenas tomou consciência de si mesma anela pelo paraíso que Deus promete aos seus amigos. Era este o seu mais veemente desejo. Bem depressa a sua alma infantil foi envolvida por umas quantas verdades que a levaram a descobrir precocemente o sentido autêntico e último da existência humana: a eternidade, a mentira do temporal e a fugacidade das coisas terrenas.<sup>2</sup>

A única maneira de conseguir imediatamente o céu e libertar-se do medo de o perder era o martírio. Intentou-o fugindo de casa. Mas, perante a impossibilidade de o conseguir, dobrou-se sobre si mesma sonhando com a vida do claustro, submergindo-se cada vez mais na reflexão.<sup>3</sup> Ao perder a sua mãe, descobriu o amor de Maria.<sup>4</sup>

Em pouco tempo Teresa percorreu um longo caminho espiritual. Contudo Cristo ainda não tinha aflorado na sua vida. O Deus da sua mente e do seu coração é um Deus longínquo. O que prevalecia era um

<sup>1</sup> *Santa Teresa de Jesús contemplativa*, em *Ephemerides Carmeliticae* 13 (1962) 22-23.

<sup>2</sup> Cf. V 1,5.

<sup>3</sup> Cf. V 1,6.

<sup>4</sup> Cf. V 1,1,7.

Deus mais hebreu que cristão. Mas a oração do *Pai nosso* e da *Ave Maria* rezada em *solidão*, ou seja meditada, a devoção a Nossa Senhora, a leitura da vida dos santos e as expressivas imagens do Senhor que ela ia encontrando nas suas visitas às igrejas de Ávila foram imprimindo na sua alma o Cristo do Novo Testamento.

Com a entrada na puberdade dá-se um arrefecimento religioso. Teresa atribui o facto à leitura de livros profanos e à amizade com alguns familiares da sua idade. Ela já não anela a paz do mosteiro; nem as verdades de que “tudo passa”, nem a mentira que é o mundo a fustigar os seus ouvidos. Pelo contrário o mundo aparece-lhe risonho e atraente. Surge o amor e coloca-se a possibilidade do matrimónio.<sup>5</sup>

O seu pai castiga estes amores juvenis. Para evitar maiores males, encerrou-a no convento das agostinhas de Santa Maria da Graça.

### 1.3. Orientada para Cristo

Aqui se encontrou com uma religiosa de quem se fez amiga e que a faz voltar à religiosidade da infância. “Começou esta boa companhia a desterrar os costumes que a má tinha feito, a tornar a pôr no meu pensamento desejos das coisas eternas e a tirar algo da repugnância que eu tinha de ser freira, que se me tinha tornado grandíssima”.<sup>6</sup>

Começou a brotar a afectividade para com o religioso e a sua orientação para Cristo. Mas sente-se inconsolável porque é incapaz de ler toda a paixão de Cristo com lágrimas. É nestes dias que devemos situar o costume que nela nasce de não se entregar ao descanso nocturno sem antes passar um tempo recordando, agradecida, os sofrimentos de Jesus no jardim das oliveiras. “Muitos anos, as mais das noites, antes que adormecesse, quando para dormir me encomendava a Deus, pensava sempre um pouco neste passo da oração do Horto, ainda mesmo antes de ser freira ... Tenho para mim que por aqui ganhou muito a minha alma, porque comecei a ter oração sem o saber que coisa era”.<sup>7</sup>

A meditação amorosa da Paixão que faz todas as noites está a concentrar a sua pessoa em Jesus. Está-se a dar a passagem do Deus-Javé a Jesus Cristo. Está a surgir nela um Deus de rosto humano, próximo e

---

<sup>5</sup> Cf. V 2,9.

<sup>6</sup> V 3,1.

<sup>7</sup> V 9,4.

sofredor. Um Deus que lhe faz sentir o seu amor, que se interessa por ela e pelo seu coração. Jesus esperava por ela. Esperava também por ela no Carmelo.

#### *1.4. Teresa dividida*

Já mesmo no Carmelo ela não conseguiu integrar a sua afectividade com o verdadeiro amigo. O coração fugia-lhe. Teresa jovem e bela percebia muito bem que o seu coração se derramava e que muitos dos seus impulsos não descansavam plenamente em Cristo. Sentia-se profundamente dividida. “Passava uma vida trabalhosíssima ... Por uma parte me chamava Deus, por outra eu seguia o mundo. Davam-me grande contento todas as coisas de Deus; traziam-me atada as do mundo”.<sup>8</sup>

O grande afecto que sentia por certa pessoa para ela era motivo de preocupação. “Nenhuma me causou distraimento como esta que digo, porque lhe tive muita afeição”.<sup>9</sup> Ela chega mesmo a falar de “recreação pestilencial”.<sup>10</sup>

Cristo já não resiste mais e manifesta o seu desagrado: “Representou-se-me Cristo diante de mim com muito rigor dando-me a entender o que aquilo Lhe pesava”.<sup>11</sup> Cristo, o amigo, com rosto irritado e contra ela. Teresa fica profundamente impressionada, de tal maneira, que jamais esquecerá esta figura: “Quedou-me tão impresso que isto foi há mais de vinte e seis anos e me parece que o tenho presente”.<sup>12</sup> Teresa começa a cair na conta que Cristo reclama toda a sua pessoa, a afectividade desde a sua mesma raiz.

Mas continua na tragédia, suspirando ao mesmo tempo pela fonte das águas vivas: “Desejava viver – pois bem entendia que não vivia, antes pelejava com uma sombra de morte – e não havia quem me desse vida nem a podia eu tomar. E Quem ma podia dar tinha razão de não me socorrer, pois tantas vezes me havia chamado a Si e eu O havia deixado”.<sup>13</sup>

#### *1.5. Conversão definitiva*

Teresa chegou à convicção de que a conversão plena e definitiva não será possível se o Senhor não intervém; e a intervenção teve lugar:

---

<sup>8</sup> V 7,17.

<sup>9</sup> V 7,7.

<sup>10</sup> V 7,7.

<sup>11</sup> V 7,6.

<sup>12</sup> V 7,6.

<sup>13</sup> V 8,13.

“Aconteceu-me que, entrando eu um dia no oratório, vi uma imagem, que para ali trouxeram a guardar; ... Era a de Cristo muito chagado e tão devota que, ao pôr nela os olhos toda eu me perturbei por O ver assim, porque representava bem o que passou por nós. Foi tanto o que senti por tão mal Lhe ter agradecido aquelas chagas, que o coração, me parece, se me partia e arrojé-me junto d’Ele com grandíssimo derramamento de lágrimas, suplicando-Lhe me fortalecesse de uma vez para sempre para não O ofender”.<sup>14</sup>

Este encontro produziu um verdadeiro terramoto na alma de Teresa.<sup>15</sup> Olhos encharcados de lágrimas e coração quase a partir-se. A este encontro com Cristo vêm juntar-se as *Confissões* de Santo Agostinho que naqueles dias caíram nas suas mãos. “Quando cheguei à sua conversão e li como ouviu aquela voz no jardim, não me parecia senão que o Senhor me falava a mim, de tal modo o senti o meu coração. Estive um grande bocado que toda me desfazia em lágrimas, e dentro de mim mesma com grande aflição e fadiga”.<sup>16</sup>

### 1.6. *Vida nova*

Teresa de Jesus sente-se outra; nasceu nela uma alma nova. Percebeu claramente a passagem de Cristo pela sua vida. A sua alma abre-se anunciando esta novidade. “Daqui por diante é outro livro novo, digo, outra vida nova; até aqui era a minha; a que tenho vivido desde que comecei a declarar estas coisas de oração, é que vivia Deus em mim, ao que me parecia, porque reconheço que me era impossível, em tão pouco tempo, sair de tão maus costumes e obras”.<sup>17</sup>

Este acontecimento marca uma viragem na vida de Teresa e divide a história da sua vida em dois grandes períodos, a que poderíamos chamar: período ascético e período místico. Lendo a sua história em clave bíblica temos o livro velho e o livro novo, Antigo Testamento e Novo Testamento, nova era e antiga era, antes e depois. Cristo está constituído o centro da história de Teresa, o ponto central da sua vida.

---

<sup>14</sup> V 9,1.

<sup>15</sup> Cf. EFRÉM DE LA MADRE DE DIOS, O. STEGGINK, *Tiempo y vida de Santa Teresa de Jesús*, BAC, Madrid, 1977, págs. 22-38.

<sup>16</sup> V 9,8.

<sup>17</sup> V 23,1.

### 1.7. *A sua vida é Cristo*

A partir daqui a sua “vida é Cristo” e as experiências religiosas vão em crescendo de forma surpreendente. “Cobria-me o Senhor daquela suavidade e glória que parecia me rodeava toda e que por nenhuma parte poderia fugir e assim era”.<sup>18</sup>

Cristo vai-se deixar por ela ver mas antes vai prepará-la com a Sua palavra. Uma voz interior sussurrava sentenças misteriosas que ela não acabava de identificar. Mais tarde acabou por descobrir a sua origem: “Entendia porém muito claramente que era o Senhor quem lhe falava muitas vezes da maneira que fica dita; porque até que lhe fez esta mercê que digo, nunca sabia quem lhe falava, embora entendesse as palavras”.<sup>19</sup>

E à palavra de Cristo sucede-se a visão. Depois de dois anos de falas muito contínuas,<sup>20</sup> “estando um dia do glorioso São Pedro em oração, vi ao pé de mim ou senti, para melhor dizer, pois nem com os olhos do corpo nem com os da alma vi nada, mas parecia-me que Cristo estava ali mesmo junto ao pé de mim e via ser Ele que me falava, segundo me parece”.<sup>21</sup> Esta foi a primeira visão de Cristo que Teresa de Jesus chama de intelectual. Ela de maneira alguma podia duvidar que era Cristo.<sup>22</sup>

A estas visões intelectuais sucedem-se outras que ela chama de imaginárias. “Teresa pedia ao Senhor o poder de comunicar aos seus confessores algo daquilo que percebia nestas altíssimas visões, pois não era capaz de encontrar modos ou imagens; então o Senhor regalou-lhe uma nova modalidade na experiência: as visões imaginárias”.<sup>23</sup> Trata-se de Cristo impresso na imaginação. “Estando um dia em oração, quis o Senhor mostrar-me só as mãos com tão grandíssima formosura, que não o poderia eu encarecer... Poucos dias depois, vi também aquele divino rosto que de todo, me parece, me deixou absorta”.<sup>24</sup> Teresa tinha dificuldade em entender porque é que o Senhor se deixa ver aos poucos. Depois veio a compreender.<sup>25</sup> Por fim Jesus manifesta-se totalmente: “Um dia de São

---

<sup>18</sup> V 24,2.

<sup>19</sup> 6M 8,2.

<sup>20</sup> Cf. V 27,2.

<sup>21</sup> V 27,2.

<sup>22</sup> Cf. 6M 8,2.

<sup>23</sup> SECUNDINO CASTRO, *Cristo vida del hombre*, EDE, Madrid, 1991, 40, nota 39.

<sup>24</sup> V 28,3.

<sup>25</sup> “Não podia eu entender porque era que o Senhor se mostrava assim pouco a pouco, visto que depois me havia de fazer mercê de que O visse de todo, até compreender que o Senhor me ia levando conforme a minha fraqueza natural” (V 28,3).

Paulo, estando na Missa, se me representou toda esta Humanidade sacratíssima, como se pinta ressuscitado”.<sup>26</sup>

Teresa faz questão de esclarecer: “Esta visão, embora seja imaginária, nunca a vi com os olhos corporais, nem a nenhuma, senão com os olhos da alma”.<sup>27</sup>

### *1.8. A Humanidade sacratíssima de Cristo*

A figura de Jesus aparece cheia de esplendor e majestade, mas é sobretudo a majestade que a envolve e penetra. “Nada se pode dizer que não seja antes desfazer”.<sup>28</sup> Teresa experimenta a beleza dos corpos glorificados, principalmente a Humanidade de Jesus, e o impacto de gozo que isto produz: “Quando outra coisa não houvesse no Céu, senão a grande formosura dos corpos glorificados, bastaria para causar grandíssima glória, em especial ver a Humanidade de Jesus Cristo Senhor Nosso, ainda que aqui se mostre Sua Majestade conforme ao que pode sofrer a nossa miséria”.<sup>29</sup> A imagem de Cristo que fica gravada e impressa na alma de Teresa é a do Ressuscitado: “É imagem viva: não homem morto, senão Cristo vivo. E dá a entender que é homem e Deus, não como estava no sepulcro, senão como saiu dele depois de ressuscitado”.<sup>30</sup>

Estas visões intelectuais e imaginárias vão-se alternando no tempo. As intelectuais podem durar mais de um ano as imaginárias são rápidas e instantâneas. As imaginárias desaparecem, as intelectuais permanecem: “Isto das visões imaginárias cessou; mas parece que sempre se anda com esta visão intelectual destas três Pessoas e da Humanidade, que é, ao que penso, graça muito mais subida”.<sup>31</sup>

### *1.9. Importância da Humanidade de Cristo*

Talvez seja esta a experiência teresiana mais forte: Cristo é o ponto de encontro com Deus. Esta é a razão que a leva a apresentar com toda a firmeza a Humanidade de Cristo como imprescindível ao longo de todo o processo de crescimento espiritual. E por Humanidade de Cristo Teresa entende não só o corpo, mas o “Homem-Jesus”, a sua realidade histórica, a sua existência terrena. A esta conclusão chega

---

<sup>26</sup> V 28,1,3.

<sup>27</sup> V 28,3.

<sup>28</sup> V 28,3.

<sup>29</sup> V 28,3.

<sup>30</sup> V 28,8.

<sup>31</sup> CC 66,3.

depois duma experiência religiosa muito intensa, dum estudo minucioso do Evangelho e de alguns santos e do diálogo, nem sempre fácil, com alguns teólogos e espirituais.

Podemos dizer que o tema da Humanidade de Cristo atravessa toda a sua obra. E ao defender a Humanidade de Cristo está a defender o mistério da encarnação e a sua influência em todo o processo espiritual do cristão.

Entre as experiências cristológicas da Santa está a contemplação da Humanidade Sacratíssima de Cristo como fonte e veículo de toda a graça. Este era um tema muito polémico no seu tempo. A discordância era geral, entre teólogos e espirituais. A ela chegou através da leitura. “Nalguns livros que tratam de oração, diz-se: que embora a alma não possa chegar a este estado (subida contemplação) ... contudo, ela poderá ajudar-se, levantando o espírito de todo o criado ... E avisam muito nestes livros que apartem de si toda a imaginação corpórea e se achem a contemplar na Divindade. Porque, segundo dizem, embora seja a Humanidade de Cristo, embaraça ou impede, nos que vão já tão adiante, a mais perfeita contemplação”.<sup>32</sup>

### *1.10. Tempo de incerteza*

Durante algum tempo ela também se deixou ir nesta onda principalmente quando chegou à oração de quietude, em que “procurava desviar toda coisa corpórea”. Como esta oração de quietude “é oração saborosa ... e o deleite é muito ... já não havia quem me fizesse voltar à Humanidade”.<sup>33</sup> Quando mais tarde recorde este tempo em que abandonou a Humanidade de Cristo dá-lhe pena, parecendo-lhe ter feito uma grande traição, embora tenha sido por ignorância.

### *1.11. Confirmada na verdade*

Teresa descobriu o erro, “vi claramente como ia errada”,<sup>34</sup> porque ao segui-lo não se sentia bem: “e assim sempre eu voltava ao meu costume de folgar com este Senhor, em especial quando comungava. Quisera eu sempre trazer diante dos olhos Seu retrato e imagem”.<sup>35</sup>

---

<sup>32</sup> V 22,1.

<sup>33</sup> V 22,3.

<sup>34</sup> 6M 7,15.

<sup>35</sup> V 22,4.10.

Também alguém a advertiu do perigo: “Me parecia que era aquilo muito acertado; até que tratando da oração que trazia, com uma pessoa serva de Deus, ela me avisou”.<sup>36</sup>

E por fim, o próprio Cristo lho revelou: “E vejo eu claramente e vi depois que, para contentar a Deus e para Ele nos fazer grandes mercês, quer que seja por mãos desta Humanidade Sacratíssima, na qual Sua Majestade disse que Se deleita. Muitas, muitas vezes o tenho visto por experiência e tem-mo dito o Senhor. Tenho visto claramente que por esta porta temos de entrar, se queremos que a soberana Majestade nos mostre grandes segredos”.<sup>37</sup>

E dirigindo-se ao P. Garcia de Toledo, seu director espiritual, é capaz de lhe dar o seguinte conselho: “Assim, V. Mercê, senhor, não queira outro caminho, embora esteja no cume da contemplação; por aqui vai seguro. É por este Senhor nosso que nos vêm todos os bens. Ele o ensinará; olhando a Sua vida, é o melhor modelo. Que mais queremos com um tão bom Amigo ao nosso lado, que não nos deixará nos trabalhos e tribulações, como fazem os do mundo?”<sup>38</sup>

Depois de apresentar todos estes argumentos ainda resta um: o argumento antropológico. Nós “não somos anjos, temos corpo. Queremos fazer de anjos estando na terra ... é desatino”.<sup>39</sup> Ela não esquece que o sujeito da contemplação é a pessoa humana; e é esta pessoa que deve ser transformada e não despojada de alguma das suas características essenciais. Por isso afirma: “É grande coisa, enquanto vivemos e somos humanos, trazer a Deus humanado diante de nós”.<sup>40</sup>

### *1.12. Experiência trinitária*

Está fora de dúvida que a manifestação experiencial de Deus presente em Teresa de Jesus é progressiva. A vida mística não a introduz desde o princípio e de golpe na percepção e experiência do mistério trinitário. Entre 1554, ano da conversão e princípio de sua vida mística e as primeiras experiências trinitárias passam anos.

Também é certo que entre a experiência de Deus no seu interior e a experiência da Trindade, há um tempo longo de experiência de Cristo, ressuscitado, filho de Maria, Jesus de Nazaré.

<sup>36</sup> 6M 7,15.

<sup>37</sup> V 22,6.

<sup>38</sup> V 22,7.

<sup>39</sup> V 22,10.

<sup>40</sup> V 22,9.



Teresa, alma primitiva e simples confessa a meados de 1571: “Esta presença das três pessoas ... tenho-a trazido até hoje ... presente na minha alma, muito de ordinário. E, como estava habituada a trazer só Jesus Cristo, sempre me parecia que me era de algum impedimento ver três Pessoas – embora entendendo que é um só Deus”. E entre muitas coisas que o Senhor lhe disse entendeu esta: “Não trabalhes para me teres a Mim, encerrado em ti, mas para te encerrares tu em Mim”.<sup>41</sup>

Destas palavras se conclui que o Deus experimentado no seu interior é um Deus tripessoal. Esta experiência torna-se dominante e define a vida de Teresa nos últimos anos da sua vida. Pelo ano de 1571 produz-se o mergulho no mistério trinitário, a experiência de Deus trino em Pessoas dentro de si mesma.

No seu livro *Contas de consciência* encontramos imensas graças místicas de experiência e inteligência da Trindade. Em 29 de Maio de 1571 escreve. “Claramente entendi que tinha presente toda a Santíssima Trindade, em visão intelectual ... Entendi eu aquelas palavras que o Senhor diz: «que estarão com a alma em graça as três Divinas Pessoas», porque As via dentro de mim”.<sup>42</sup>

“Uma vez estando em oração, mostrou-me o Senhor, por estranho modo de visão intelectual, o estado de uma alma em graça. Em sua companhia vi a Santíssima Trindade; vinha à alma um poder que assenhoreava toda a terra”.<sup>43</sup>

“Estava eu, uma vez, recolhida com esta companhia que trago sempre na alma e pareceu-me estar Deus nela, de tal modo, que me lembrei de quando São Pedro disse: «Tu és Cristo, Filho de Deus vivo» porque assim vivo estava Deus em minha alma”.<sup>44</sup>

“Esta presença, tão sem se poder duvidar, das três Pessoas – em que claramente nos parece que se experimenta o que diz São João: «que faria a sua morada na alma», e isto, não só por graça, mas dando a sentir esta Presença que traz consigo tantos bens que nem se podem declarar”.<sup>45</sup>

Os textos poder-se-iam multiplicar, mas a partir destes e doutros parecidos podemos concluir que a experiência trinitária da santa é forte

---

<sup>41</sup> CC 15, 1.3. Esta passagem à experiência trinitária podemos situá-la em 1571.

<sup>42</sup> CC 14,1.

<sup>43</sup> CC 21,1.

<sup>44</sup> CC 41,1.

<sup>45</sup> CC 66,10.

e que, graças a ela, Teresa com facilidade se recolhe e centra nas Pessoas divinas. A sua vontade de comunhão total se acelera e dinamiza. A sua vida espiritual apresenta-se como tensão progressivamente crescente e sempre mais viva de comunhão de pessoa a pessoa.

A experiência mística que Teresa tem da Trindade não cristaliza em noções e conceitos. Ela não faz teologia da sua experiência trinitária, isso fica para os teólogos. Ela considera-se “mulher iletrada”. Teresa conta e narra com palavras simples o que nela acontece.

O facto da penetração, “visão” e inteligência trinitária está amplamente testemunhado por Teresa mas somente nos últimos compassos do seu processo espiritual, nos últimos 10 anos da sua vida. Por isso muitas das suas *Obras* não fazem alusão à Trindade. Onde a narração se concentra subitamente é nas sétimas *Moradas* e nas *Contas de consciência* desde 1571. Nas *Moradas* o mistério trinitário aparece como o núcleo e princípio condutor de todo o itinerário espiritual. As Pessoas divinas aparecem em comunicação de graça com Teresa a níveis cada vez mais íntimos.

O facto da inteligência mística teresiana da Trindade pode ser apresentado numa ordem cronológica. O primeiro texto teve lugar no dia 29 de Maio de 1571. Diz assim: “Na terça-feira depois da Ascensão, tendo estado algum tempo em oração depois de comungar, aflita porque me distraía de modo que não podia estar fixa em uma coisa, queixava-me ao Senhor da nossa miserável natureza. Começou-se a inflamar minha alma, parecendo-me entender claramente que tinha presente toda a Santíssima Trindade ... a minha alma entendeu como Deus é trino e uno. E, assim, parecia-me que as três Pessoas me falavam e se representavam distintamente dentro da minha alma”.<sup>46</sup>

Quatro anos mais tarde, 28 de Agosto de 1575 teve lugar outra graça da mesma natureza e idêntico significado: “Tendo acabado de comungar no dia de Santo Agostinho, deu-se-me a entender – eu não saberei dizer como – e quase a ver, (mas foi coisa intelectual e que passou depressa), como as três Pessoas da Santíssima Trindade, que eu trago em minha alma esculpidas, são uma e mesma coisa. Por uma representação tão estranha, deu-se-me isto a entender e, por meio de

---

<sup>46</sup> CC 16,1.

uma luz tão clara, que tem feito em mim operação bem diferente de quanto se crê pela fé”<sup>47</sup>.

E, por último, sem data, mas com uma alusão clara à *mercê do matrimônio espiritual*,<sup>48</sup> temos a plenitude da comunicação divina: “E metida naquela morada por visão intelectual, por certa maneira de representação da verdade, mostra-se-lhe a Santíssima Trindade, todas as Três Pessoas ... E por uma notícia admirável, que se dá à alma, entende com grandíssima verdade serem estas Pessoas distintas todas Três uma substância e um poder e um saber e um só Deus. De maneira que, o que acreditamos por fé, ali o entende a alma, podemos dizer, por vista, ainda que não é vista dos olhos do corpo, porque não é visão imaginária. Aqui se lhe comunicam todas as Três Pessoas e lhe falam”.<sup>49</sup>

### 1.13. Cristo e a Trindade

Quem a introduz no mistério trinitário é Cristo. Cristo serviu-lhe de ponte de acesso e de porta de entrada na comunidade trinitária. E na sua experiência trinitária ela aprofunda o mistério de Cristo. No mistério trinitário Teresa contempla a divindade de Cristo.

A união de Humanidade e Divindade, ou de Cristo e Trindade é objecto de numerosas graças que refere nas *Contas de consciência*. “De maneira que estava eu, hoje, considerando como, sendo tão «una», havia tomado carne humana só o Filho, e deu-me o Senhor a entender como, apesar de ser uma a Essência, são tão distintas as Pessoas”.<sup>50</sup>

“Estando eu uma vez com esta presença das três Pessoas que trago na alma, era tanta a luz, que não se podia duvidar estar ali Deus vivo e verdadeiro e, ali, se me davam a entender coisas que depois não saberia dizer. Entre elas era, como havia a Pessoa do Filho tomado carne humana e não as demais”.<sup>51</sup>

---

<sup>47</sup> CC 47.

<sup>48</sup> Aqui o matrimônio espiritual aparece não só intimamente unido à presença da Santíssima Trindade, mas também como uma realidade totalmente nova. É algo único e decisivo. Cf. V 30,21. “O matrimônio espiritual está acompanhado da presença trinitária. A realidade íntima do matrimônio é uma comunicação intensa desta presença trinitária e a sua permanência no centro da alma. Apesar desta invasão e permanência da presença trinitária, é de notar que a consumação do matrimônio espiritual se realiza com a *Humanidade Santíssima de Cristo*”. A. M. CARCIA ORDAS, *La persona divina en la espiritualidad de Santa Teresa*, ET, Roma, 1967, p. 101.

<sup>49</sup> 7M 1,7.

<sup>50</sup> CC 47.

<sup>51</sup> CC 56.

No *Livro da Vida* refere-nos uma graça que pode servir como ponto de enfoque para vislumbrar as restantes experiências. Trata-se da “mais alta visão” que já teve: “Foi tão arrebatado o meu espírito que quase me pareceu que estava de todo fora do corpo; pelo menos, não se percebe que se vive nele. Vi a Humanidade Sacratíssima, com tão excessiva glória como jamais a tinha visto. Representou-se-me, *por uma notícia admirável* e clara, estar Ele metido no seio do Pai. Isto não o saberei eu dizer como é, porque, sem ver, pareceu-me que me via na presença daquela Divindade. Fiquei tão espantada e de tal maneira, que passaram alguns dias, ao que recorro que não podia voltar a mim e sempre me parecia que trazia presente aquela majestade do Filho de Deus...”

Teresa tem dificuldade em descrever o sucedido e a eficácia interior desta visão: “fica tão esculpido na imaginação – por breve que tenha sido – que não o pode tirar da lembrança por algum tempo e é de muito consolo e também aproveitamento”.

E continua: “Tive esta mesma visão ainda outras três vezes. É, a meu parecer, a mais subida visão que o Senhor me fez mercê de ver e traz consigo grandíssimos proveitos. Parece que purifica a alma de grande modo e tira quase de todo a força a esta nossa sensualidade”.<sup>52</sup>

#### 1.14. Conclusão

Vimos como Teresa gozou de subidas experiências do mistério trinitário e como o último estágio da sua vida esteve caracterizado por uma presença muito viva das divinas Pessoas. Mas, apesar destas experiências trinitárias, nunca desapareceu da sua experiência religiosa a Humanidade de Cristo.

Vimos como precisamente no momento do *matrimónio espiritual* Santa Teresa foi favorecida com uma experiência altíssima da Santíssima Trindade e da Humanidade de Cristo. Esta experiência repetir-se-á frequentemente. Um certo paralelismo experiencial entre a Humanidade de Cristo e a Trindade é mais do que evidente.

Se a experiência trinitária é o último estágio da experiência teresiana, como já vimos, a ele somente se chega pela mão do Verbo

---

<sup>52</sup> V 38,17.18.

incarnado. Esta experiência da Humanidade de Cristo nunca desaparece do processo espiritual teresiano.

A vida de Teresa simplificou-se totalmente: “Isto das visões imaginárias cessou; mas parece que sempre se anda com esta visão intelectual destas três Pessoas e da Humanidade, que é, ao que penso, graça muito mais subida”.<sup>53</sup>

A sua situação normal será: percepção habitual de Cristo fora, ao lado direito, e percepção continua da Trindade dentro, na *morada sétima*.

## 2 - Por Jesus Cristo à Trindade em S. João da Cruz

### 2.1. *Místico cristão*

Até há bem pouco tempo alguns teólogos faziam profundos reparos à visão que São João da Cruz tinha de Jesus. Sobre isto disseram-se muitas coisas, entre as quais as mais graves: que o seu sistema não era cristão; que se tratava, sobretudo, duma experiência religiosa profunda à qual ele foi incorporando, consciente ou inconscientemente, elementos cristãos; que o Cristo sãojoanista é um Cristo neoplatónico. Estaríamos primordialmente perante uma mística de Deus, que posteriormente se harmonizaria desde dentro com a mística trinitária e da Humanidade de Cristo.

A sua vida pessoal e a espiritualidade que a anima e que ele depois passa ao papel desdizem estas deformações e equívocos.

### 2.2. *Deus Pessoal*

A primeira experiência e palavra que S. João da Cruz tem e comunica acerca do mistério de Deus surge da revelação cristã. A poesia (romance) sobre a Santíssima Trindade e a Encarnação tem conteúdos e imagens bíblicas. Esta poesia tem uma tal transparência que parece uma autêntica catequese.

Para ele a Trindade e a Encarnação constituem a estrutura, o tecido da sua vida quotidiana.

---

<sup>53</sup> CC 6,3.

“Entre os mistérios que me parece tinha grande amor era o da Santíssima Trindade, e também o do Filho de Deus humanado. Porque o vi dizer muitas vezes missa da Santíssima Trindade disse-lhe: Como diz tantas vezes missa da Santíssima Trindade? Ao qual ele me respondeu com graça: Tenho-o pelo maior Santo do Céu” (*Uma das freiras Carmelitas de Granada*, Proc 121).

“Dizia que a ordinária presença de Deus Nosso Senhor que trazia era trazer a sua alma dentro da Santíssima Trindade, e que na companhia daquele mistério das três Divinas Pessoas ia muito bem à sua alma” (*Ana de Santo Alberto, prioresa de Caravaca*, Proc 196).

E a mesma declarante assegura que o santo lhe disse um dia “que de tal maneira se comunicava Deus à sua alma acerca do mistério da Santíssima Trindade, que se não lhe acudisse Nosso Senhor com particular auxílio do céu, seria impossível viver e acabar-se-ia o seu natural” (Proc 398).

### 2.3. *Cristo e a criação*

O projecto de Deus sobre a criação e a existência concreta do homem estão essencialmente unidos ao mistério de Cristo e, mais concretamente, à sua encarnação. É uma perspectiva sãojoanista de grande importância. Somente a partir da encarnação de Cristo é compreensível a existência humana e o seu destino histórico. S. João da Cruz declara-o poeticamente e com profundidade teológica nos *Romances*,<sup>54</sup> que recordam o hino cristológico de S. Paulo (Col 1,15-20) e o prólogo do quarto Evangelho (Jo 1, 3-18).

Hoje reconhecemos que nestes nove *Romances*<sup>55</sup> e nos da *Fonte* estão as ideias mestras que o Santo mais tarde vai desenvolver nas

<sup>54</sup> Trata-se de um composição de 9 romances, em que S. João da Cruz transmite a sua visão do mistério central de Cristo, na perspectiva da criação e da redenção. Estes poemas são sem dúvida nenhuma de qualidade inferior ao poema do *Cântico*, e talvez por isso não se lhe tivesse dado o devido valor. Contudo são de uma extraordinária riqueza doutrinal, que mais tarde desenvolverão as obras maiores. Assim se compreende a sua actual revalorização. Cf. DAMASO ALONSO, *La poesia de San Juan de la Cruz. Desde esta ladera*, Madrid, 1966, p. 80.

<sup>55</sup> Resumimos o conteúdo do Romance 4 com as palavras dum famoso sãojoanista: “O Pai decide criar, mas tem que haver algo ou alguém que se assemelhe ao Filho, que seja agradável ao Pai por todas as maravilhas criadas n’Ele; de maneira que possa manter com ambos uma comunhão de vida. Com este fim o Pai cria a esposa e a vai modelando. Por fim confere ao homem a condição carnal, aparentemente humilhante e em desvantagem, em ordem à encarnação do

obras maiores.<sup>56</sup> Neles está descrita a história da salvação com ternura e, por vezes, com uma profundidade deslumbrante. “O místico assomou-se ao abismo trinitário e contemplou segredos insondáveis e mistérios profundos, que com dificuldade conseguirá plasmar depois de vencer não poucas resistências da parte da experiência e linguagem”.<sup>57</sup> Aí descobriu a raiz última de tudo: o mistério trinitário, que se prolonga no menino Jesus de Belém, em que Deus se faz homem e o homem Deus.

Ele abeirou-se do mistério de Deus e viu que Deus é comunidade de pessoas numa relação permanente de amor. E ouviu “palavras de grande gozo / o Pai ao Filho dizia, / de tão profundo deleite, / que ninguém as entendia”. E nesse diálogo o Pai apresenta ao Filho um plano: “Uma esposa que te ame, / meu Filho dar-te queria, / que por teu valor mereça / estar em nossa companhia”. E a esta proposta do Pai: “O Filho lhe respondia. / À esposa que me deres, / minha claridade eu daria, / para que por ela veja / quanto meu Padre valia”. “- Faça-se, pois – disse o Padre – que o teu amor o merecia. / E neste dito que disse, / o mundo criado havia”.

Aparece aqui o plano criador de Deus e a criação como a esposa do Verbo. E, embora na criação houvesse hierarquias e diferenças: “dois aposentos / alto e baixo dividia”... “eram todos um só corpo / da esposa que dizia, / que o amor dum mesmo Esposo / uma esposa os fazia”. A criação, toda ela, na sua diversidade forma um só corpo. E, porque criada à imagem e semelhança do Filho, por amor, esta semelhança tem que se concretizar e aparecer. “O Padre com amor terno desta maneira dizia: / - Já vê, Filho, que tua esposa / à tua imagem feito havia, / e no que a ti se parece / contigo coincidia; / mas é diferente na carne / que em teu simples ser não havia. / Pois nos amores perfeitos / esta lei se requeria, / porque a maior semelhança / mais deleite caberia; / o qual, por certo, em tua esposa / grandemente cresceria / se te visse semelhante / na carne que possuía”.

E à proposta da criação segue-se a da encarnação pedida por esta: “porque em tudo semelhante / ele a eles se faria / e viria ter com eles e

---

Filho; o que dará lugar a uma forma de comunhão ainda mais estreita”, F. RUIZ, *Metodo e strutture di antropologia sanjuanista*, em *Temi di antropologia teológica*, p. 418.

<sup>56</sup> “Por conseguinte, todo o raciocínio filosófico e espiritual das grandes obras há-de ser interpretado tendo em consideração este primeiro esboço genial do sistema sãojoanista”, F. RUIZ, *Introducción a San Juan de la Cruz. El hombre, los escritos, el sistema*. Madrid, BAC, 1968, p. 162.

<sup>57</sup> SECUNDINO CASTRO, *Hacia Dios con San Juan de la Cruz*. Madrid, EDE, 1986, 17.

com eles moraria; / e que Deus seria homem / e que o homem Deus seria, / e trataria com eles, / comeria e beberia; / e para sempre com eles / o mesmo se ficaria / até que se consumasse /este tempo que corria”

A esta proposta do Pai: “O Filho lhe respondia – Minha vontade é a tua” ... “Irei buscar minha esposa / e sobre mim tomaria / suas fadigas e trabalhos / em que tanto padecia; / e para que tenha vida, / eu por ela morreria, / e tirando-a das profundas, / a ti a devolveria”.

Nesse diálogo eterno entre o Pai e o Filho chegam aos ouvidos do místico as seguintes palavras: “Nada me contenta, Filho, / fora da tua companhia”...“O que a ti mais se parece, / a mim mais satisfazia” ... “Ao que a ti amar, meu Filho, / a mim mesmo me daria, / e o amor que eu em ti tenho, / nele mesmo eu o poria, / por razão de ter amado / aquele a quem tanto queria”.

A razão do amor de Deus ao homem fundamenta-se na semelhança que ele tem com Cristo. Isto explica que o Pai se entregue sem reservas a quem ame seu Filho, oferecendo-lhe o mesmo amor que tem ao Filho seu predilecto.

O homem de que se preocupará S. João da Cruz tem as suas raízes no seio da Trindade. No diálogo eterno da Santíssima Trindade o homem está presente. Por isso a história do homem é tão antiga quanto o mistério de Deus.

Desta maneira S. João da Cruz coloca, nas mesmas raízes da criação, a encarnação do Verbo. Com a realização da encarnação todas as potencialidades existentes na criação serão desenvolvidas e actualizadas; ou seja, pela encarnação de Cristo a criação alcançará o seu pleno desenvolvimento e a sua total formosura. Esta formosura não diz relação somente ao ser natural das coisas, mas também ao ser sobrenatural.<sup>58</sup>

A esposa surgida do mesmo Deus, está destinada a viver e experimentar a mesma vida de Deus, as mesmas relações das divinas pessoas, para ser conduzida ao seio trinitário de onde saiu: “que, como

---

<sup>58</sup> “É pois de saber que só com esta figura de seu Filho olhou Deus todas as coisas, que foi dar-lhes o ser natural, comunicando-lhes muitas graças e dons naturais, fazendo-as acabadas e perfeitas ... E não só lhes comunicou o ser e graças naturais, olhando-as ..., mas também com só esta figura de seu Filho as deixou vestidas de formosura comunicando-lhes o ser sobrenatural. Isto foi quando se fez homem, exaltando-O em formosura de Deus, e por conseguinte a todas as criaturas n'Ele, por se ter unido com a natureza de todas elas no homem” (CE 5,4).



o Padre e o Filho / e o que deles procedia / como um vive no outro, / assim a esposa seria, / que dentro de Deus absorta, / vida de Deus viveria”.

Este é em síntese “o credo pessoal”<sup>59</sup> de S. João da Cruz que ele desenvolverá nas obras maiores.

#### 2.4. *Cristo centro da vida teologal*

Para S. João da Cruz “Jesus Cristo é o *Verbo* incarnado, o Deus feito homem, o Filho do eterno Pai que morava no seio da Trindade Santa desde a eternidade e em quem foram criadas todas as coisas. Mas Jesus Cristo é também o Deus *incarnado* para que o homem possa viver na plenitude a realidade da sua filiação divina, e a quem podemos contemplar com o santo como a ‘este nosso grande Deus *humilhado* e *crucificado*’ que veio a ser esposo da alma”.<sup>60</sup> Esta é precisamente a perspectiva do Concílio Vaticano II (GS 10, 22).

Em Jesus Cristo o mistério de Deus e o seu plano salvífico entram no tempo e em vias de facto. Tornam-se humanos e acessíveis. Tudo o que Deus é, tem e faz passa a ser propriedade do homem; e tudo o que o homem tem, vive e faz é propriedade de Deus. Na pessoa de Cristo a ansiada união do homem com Deus e de Deus com o homem transforma-se na unidade fundamental Deus-homem.

São João da Cruz ao falar de Cristo-Homem está juntando duas formas de estudo sistemático: *crisologia* e *antropologia*. A partir dos anos 1960-1970 ambas se afirmam no campo dos estudos sãojoanistas. Estas duas perspectivas aparecem compenetradas: *crisologia antropológica* e *antropologia cristológica*. Efectivamente, a sua crisologia incorpora, não só as componentes estruturais da natureza humana, mas também a sua plena condição histórica e as ressonâncias da sua condição moral. “Incarnar-se” ou “humanizar-se” leva consigo toda a densidade e realismo de uma antropologia cultural. E a antropologia do santo participa plenamente no ser e na condição de Jesus Cristo, o homem Verbo e o Filho de Deus, na sua origem, desenvolvimento e meta; “imitar” tem aqui alcance ontológico, como veremos.

Pessoalmente, S. João da Cruz lê, contempla, imita Jesus Cristo como o Evangelho O apresenta. E no Evangelho não existe mais que um: o

<sup>59</sup> Cf. M. ÁNGEL DÍEZ, “*Y que el hombre Dios sería*”, Burgos, Monte Carmelo, 1992, 8.

<sup>60</sup> F. GARCIA MUÑOZ, *Crisologia de San Juan de la Cruz*, Madrid, 1982, p. 13s.

*Filho de Deus incarnado, o Verbo humanado.* Ele vai-O descobrindo na revelação, ajudado da experiência com fragmentos dos sinópticos, de S. João, de S. Paulo. Tudo isto forma parte das suas evidências.

Ele não tem a mais mínima preocupação em exaltar ou defender a *Humanidade* ou a *Divindade* de Cristo. São o pão e a água do seu viver quotidiano. Mas não entra na sua intenção escrever uma biografia de Cristo ou uma psicologia racional das suas potências e operações intelectuais e volitivas, a sua ciência e consciência; nem dar uma lista dos seus gestos e rasgos característicos para serem imitados em particular. Esta tarefa outros escritores do seu tempo a tiveram, mas esta não era a sua. Não há nele nada que se compare às preocupações de concílios e teólogos por afirmar a integridade das duas naturezas em Jesus. Também não tem a preocupação de Santa Teresa por defender a “Humanidade de Cristo” e de a colocar em todos os pontos da oração e da vida. E menos ainda a preocupação da mentalidade actual por afirmar a normalidade de Jesus homem.

Como primeira ideia geral do seu projecto podemos colocar o sentido de unidade e totalidade. Jesus Cristo *é Tudo*. Não somente o centro, mas Tudo. O *Tudo de Deus*, em primeiro lugar: o seu mesmo ser e vida, a sua imagem e a sua palavra, a sua formosura e o seu amor. E é igualmente o *Tudo do homem*: a sua origem e destino, o sentido do seu viver e morrer, amar e servir; a alma de toda a criação, pessoas e coisas, céu e terra. Em virtude desta totalidade indivisível, cada um dos elementos está presente em todos os outros e todos em cada um, sem ser necessário recordá-lo sempre explicitamente.

Neste quadro Cristo condensa tudo. É Deus que se revela e entrega na sua mesma pessoa; e é o homem em plenitude de comunhão divina. Contando com a realidade de ambas dimensões, interessa-lhe destacar a unidade, já que esta é a que cimenta todo o processo de “união” de Deus com os homens. E fá-lo com a linguagem de união de amor e não tanto com análises teológicas: filho, união de amor, esposo, amado.

À raiz dessa unidade produz-se uma variedade muito significativa de nomes, títulos e funções: amado, salvador, redentor, esposo, mestre, etc. Este ponto das relações e funções é de máximo interesse para o nosso santo.

Portanto a sua preocupação está em contemplar a autenticidade divina e humana de Jesus e desenvolver a força da comunhão. Vê-o tão

humano que até os atributos divinos lhe suscitam maior familiaridade; e tão divino que até os gestos mais simples os dirige ao Verbo Filho de Deus.

Este procedimento sãojoanista desconcerta alguns leitores que vão com outros esquemas. Fala de Cristo esposo, do esposo Deus; do doce Jesus, dulcíssimo Jesus, Senhor Jesus.

### 2.5. *Cristo: rosto humano de Deus*

No seu ser e condição de Cristo-homem, Jesus Cristo não é somente uma realidade, mas uma realidade reveladora. O Filho de Deus incarna-se para tornar humanamente perceptível o rosto e a palavra de Deus. Mirada, gestos, palavras de Cristo são manifestações pessoais e directas de Deus. Deste modo, em Cristo-homem manifesta-se, não somente o Verbo, mas toda a Trindade e toda a economia da salvação. “*O desejo de ver a Deus é tão antigo quanto o sentimento religioso, como o próprio homem. Atravessar o véu do invisível, deitar um olhar ao mais além, constitui um dos tormentos daqueles a quem o espectáculo do mundo não absorve mas inquieta. Agora bem, um Deus visível seria um Deus à medida do homem, caricatura do Deus verdadeiro, aparência vazia, ídolo*”. Nesta penosa alternativa debate-se o homem religioso: querer ver a Deus sabendo, ao mesmo tempo, que Deus é invisível. E tem medo de o ver.

“*O temor de ver o rosto de Deus não seria tão doloroso para o homem religioso se não se misturara, paradoxalmente, com o desejo contrário. O israelita sofre esta contradição íntima que o desgarrar até à angústia. Quem mais teme ver é o mesmo que mais deseja contemplar*”.<sup>61</sup>

A ânsia de ver e ouvir a Deus também atinge o cristão, principalmente o místico. João da Cruz não pode passar por alto uma realidade tão importante, que afecta toda a existência e a experiência das pessoas. Tanto mais ainda, pois ele anda muito interessado em encontrar “o imediato” na comunhão com Deus. As “criaturas” são representação muito afastada.

No *Novo Testamento* Deus revela o seu rosto e deixa ouvir a sua palavra em Jesus Cristo, em forma pessoal, sensível, corporal. Continua a ser um mistério, o Deus invisível, o Deus silencioso. Mas em Cristo vemos o Pai, escutamos directamente a sua voz.

---

<sup>61</sup> E. BARBOTIN, *Humanité de Dieu*. Aubier, Paris, 1970, pp. 216 e 228.

S. João da Cruz sublinhou a manifestação de Deus em Cristo por via de expressões sensoriais: Jesus Cristo é o rosto de Deus e é a sua palavra. Claro que esta linguagem inclui o plano do espírito e o da fé.

A *expressão visual* da revelação em Cristo tem manifestações constantes e profundas em toda a obra do santo. Cristo é: rosto, olhos, imagem, formosura, mirada.<sup>62</sup> Tanto mais que o rosto, os olhos, a mirada de Deus apresenta-se em atitude primordialmente activa. É ele que aproxima o seu rosto expressivo, que olha o homem, a criação, irradiando brilho e alegria.<sup>63</sup>

A outra linha, a de *Cristo palavra*, está muito mais desenvolvida no segundo livro da *Subida*, principalmente no conhecido capítulo 22. Deus fala directamente, exaustivamente na pessoa, vida, gestos, palavras de Jesus. Deus já disse tudo e ficou como mudo. Não há razão alguma para lhe pedir novas palavras de explicação e consolo, porque disse tudo e de maneira muito concreta e sensível. A palavra de Cristo-homem é a mesmíssima palavra de Deus; melhor dito, toda a sua pessoa é palavra pessoal de Deus.

A encarnação converte-se em epifania de Deus. Em Jesus, Deus faz-se homem que olha e é olhado, contempla e é contemplado, que fala e escuta. O mistério continua, já que os rasgos sensíveis de Cristo são reflexo humano do Verbo, mas não a realidade mesma de Deus. Requerem um *contemplar* especial como dirá o santo.

## 2.6. *Cristo: rosto divino do homem*

Cristo não é somente o Filho de Deus, é também a expressão mais audaz do que Deus pensa e quer dos homens. Não é somente o rosto de Deus, mas também o verdadeiro rosto do homem, onde este manifesta melhor a sua origem, o seu ser e o seu destino.

Esta nova perspectiva, embora pareça de algum modo oposta, é, na realidade, prolongação e complemento da anterior. Revelador de Deus,

---

<sup>62</sup> É no *Cântico espiritual* onde mais desenvolve esta linha de experiência e expressão. Corresponde melhor ao símbolo e ao tom afectivo da obra. O amor requer presença, visão directa e imediata. Mirar é amar.

<sup>63</sup> É fina a explicação que o santo faz das palavras *os olhos desejados*: chama olhos às verdades da fé, porque lhe parece à alma que essas verdades não são ideias mortas, mas o rosto vivo de Cristo que a mira a ela.

desvelador do homem. S. João da Cruz desenvolve-a nos mesmos textos. É necessário apontar brevemente os vários aspectos implicados na visão do homem à luz da encarnação. Uma forma simples de aludir a eles é apresentá-los: o homem imagem de Cristo, Cristo imagem do homem.

Se o homem encontra agora o próprio rosto manifestado em Cristo, não é por mera coincidência ou por efeito de uma imitação bem organizada. Há realidades ontológicas que explicam a semelhança.

O homem foi predestinado e criado à imagem e semelhança do Filho. No projecto criacional fala o Pai: “O que a ti mais se parece, / a mim mais satisfazia; / e o que em nada te assemelha, / em mim nada encontraria”.<sup>64</sup>

Toda a formosura, valor e graça que Deus encontra nas criaturas deve-se ao facto de reflectirem de algum modo a imagem do Verbo incarnado.<sup>65</sup> E isto acontece muito mais no homem.

Voltando ao ponto mais sensível da condição humana, que é a comunhão com Deus, encontramos, igualmente, que é prolongação e semelhança, “correspondência”, da “união hipostática da natureza humana com o Verbo divino”.<sup>66</sup>

A semelhança do homem com Cristo recebe outra formulação não menos original: Deus torna-se semelhante ao homem, e isto já como projecto original.

“Porque em tudo semelhante / ele a eles se faria / e viria ter com eles, / e com eles moraria; / e que Deus seria homem / e que o homem Deus seria”.<sup>67</sup>

Esta semelhança vai até ao profundo e leva-O a partilhar tempos e lugares, penalidades do desterro em que vive o homem caído, como se manifesta no poema “*El Pastorcico*”. Trata, por todos os meios, de se assemelhar, viver próximo, fazer-se ver e ouvir entre os homens.

Uma semelhança que se estende a todos os planos: viver na terra e no tempo, ter o corpo mortal, comer e beber com e como os homens. E a semelhança vai ainda mais longe: embora não partilhe a condição de pecado, quis experimentar as suas mais duras consequências físicas,

<sup>64</sup> Rom 1,2.

<sup>65</sup> Cf. CE 5,4.

<sup>66</sup> CE 37,3.

<sup>67</sup> Rom 1,4.

psicológicas e espirituais. Jesus Cristo na Cruz: torturado, desprezado dos homens, abandonado de Deus, é a imagem do homem em toda a sua condição horrorosa.<sup>68</sup>

Esta reciprocidade de semelhanças é fruto do amor recíproco: por amor Cristo quer tornar-se semelhante ao homem e o homem trata de se assemelhar ao Senhor. Além de corresponder à estrutura ontológica, afirma um processo longo e contínuo de assimilação. Como a encarnação do Verbo é uma realidade essencialmente histórica, que não acontece como realização total e perfeita do mistério num determinado momento, assim também a nossa transformação em Cristo.

Por isso resulta espontâneo as referências aos mistérios de Cristo a cada passo do caminho espiritual. É a realização concreta e histórica da mútua semelhança. No seu nascimento, vida, paixão, morte e ressurreição, Jesus levou a cabo uma vida humana em plenitude. Agora o homem reconhece-se a si mesmo, melhorado, nessa história.

Poderíamos dizer que Jesus Cristo tomou dos homens o desenvolvimento histórico da vida humana na sua natural condição. E agora devolve essa vida humana realizada com nova qualidade e com sentido divino.

### 2.7. *Olha o Meu filho*

Esta recomendação do Santo, repetida com insistência obsessiva numa página célebre da *Subida* (2S 22, 5-6), adquire um sentido mais amplo e profundo à luz das reflexões anteriores. O *Tudo* de Cristo, que num princípio parecia indicar generalidades, recolhe agora toda a riqueza do mistério de Deus e do mistério do homem.

Esta página chama a atenção pela repetição, o imediato, o sensitivo da linguagem: olha o meu Filho, põe os olhos somente nele, põe só os olhos nele, olha o teu bem, olha-O humanado, ouve-O a ele; porque Ele é toda a minha expressão, toda a minha linguagem e resposta, e é toda a minha visão e toda a minha revelação. E termina com a afirmação de S. Paulo: “Em Cristo mora toda a plenitude da divindade” (Col 2,9); e de humanidade, poderíamos acrescentar.

Olhando a Cristo encontramos a imagem, a palavra, a vontade de Deus incarnadas na história humana. Para dar maior garantia a esta

---

<sup>68</sup> Cf. 2S 7,11.

afirmação, coloca-a nos lábios de Deus, que declara solenemente: *Já dei tudo e disse tudo em Cristo; não tenho nada mais que dar a revelar.*

Por outra parte, o ponto de partida desse olhar e escutar são situações exigentes, obscuras e comprometidas da vida humana. Quando necessites de luz, ou consolação, ou fortaleza, etc., põe os olhos em Cristo, que no Evangelho vive experiências semelhantes, e terás a resposta de como deves viver e interpretar a tua própria situação.

Isso que chamamos *olhar* não se refere somente à visão corporal de Cristo, mas inclui, sobretudo, a contemplação de fé e amor. Os rasgos humanos visíveis de Cristo não revelam directamente o seu ser e condição de Filho de Deus. É uma manifestação privilegiada, mas são sempre mediações. Portanto, é necessária, como nas outras mediações, o olhar teologal da fé e do amor.

Trata-se de um olhar dinâmico e operativo, ou seja da *imitação de Cristo*. Já vimos que a pessoa e vida de Jesus se convertem em síntese viva da revelação, condensam todo o mistério de Deus e o mistério do homem.

Na imitação de Cristo trata-se de explicitar a imagem e a presença de Deus. Manifestam-se os atributos de Deus, os acontecimentos e dons da história salvífica. Desta maneira o crente revive o plano de salvação em forma de relação teologal e, ao mesmo tempo, sensível com o Senhor.

Em segundo lugar, ao assemelhar-se a Cristo, o crente desenvolverá a própria identidade, já que Cristo é o rosto divino do homem. Não se trata aqui duma alienação, pelo contrário. Devolve-se ao homem a sua própria imagem potenciada, dignificada, remida. É isto que formula o Concílio Vaticano II na seguinte frase: “Aquele que segue a Cristo, Homem perfeito, ele próprio se torna mais homem”.<sup>69</sup>

Para servir de base à “imitação” reveladora e potenciadora neste sentido, São João da Cruz quer que Cristo conserve o seu ser completo de *Verbo humanado*. Não admite amputações para o tornar mais acessível e à nossa medida, já que então perderia a sua própria função de imagem de Deus e imagem do homem.

Por isso João da Cruz, ao referir-se a Cristo, gosta de o apelidar de *Verbo humanado*. Esta é a sua designação, fazendo-o muitas vezes

---

<sup>69</sup> GS 41.

de formas quase paradoxais: “desejando tornar-se algo semelhante a este grande nosso Deus, humilhado e crucificado; pois que esta vida não é boa se não for para O imitar”.<sup>70</sup> Este é um exemplo do seu estilo de unir divino e humano em Cristo. E fá-lo de propósito, porque tem a imagem completa: “Nunca tomes o homem por exemplo naquilo que tiveres que fazer, por santo que seja, porque te porá o demónio diante as suas imperfeições; mas imita a Cristo, que é sumamente perfeito e sumamente santo, e nunca errarás”.<sup>71</sup>

É uma das características mais marcantes na cristologia de S. João da Cruz: a imprescindível unidade e totalidade. Enquanto eclipsam um pouco a divindade, para tornar Jesus mais humano, já o sente instintivamente estranho, como se lhe tivessem amputado algum membro. Enquanto lhe tirem realismo humano, trato familiar de amigo e amado, já sente que não é o Verbo incarnado que ele adora.

Certamente não é esta a experiência que hoje se tem. Para *humanizar* Jesus muitas pessoas precisam de o *desdivinizar*, ignorar ou silenciar atributos divinos, a sua formosura, grandeza e poder de Deus.

Para São João da Cruz Jesus Cristo é o Verbo incarnado. Uma só peça. Rompe-se por qualquer dos lados. Desdivinizar é desumanizar o rosto e as funções de Jesus.

Deste modo, a cristologia para S. João da Cruz converte-se em antropologia e vice-versa, de modo iminente no caso de Jesus, e de forma derivada essa compenetração vale também para os demais homens.

### 2.8. *Cristo presente no processo*

Cristo está sempre presente em todo o processo espiritual do santo. No 1S apresenta como ponto de partida, para começar a marcha para a transcendência, o enamoramento de Cristo dos Evangelhos (14,2). E este enamoramento tem que ser tão intenso que nos force a transpor todas as coisas. O homem só deixará “outros amores” movido por um “amor maior”. E este texto confrontado com 1S 13,3-4, obriga-nos a compreender todo o primeiro livro como seguimento de Cristo. Neste mesmo período de negação fala-se duma experiência gozosa de Cristo (1S 13,6-7).

---

<sup>70</sup> Cta 21.

<sup>71</sup> DL 156.



No *Cântico espiritual* o enamoramento de Cristo é muito mais intenso. O santo chama a atenção à alma enamorada que as criaturas são o esplendor do Amado: “Por quem as criou que é o Verbo, o seu Unigénito” (5,1). E para evitar a suspeita de que o Amado se identifique exclusivamente com o Verbo, acrescenta imediatamente: “Neste levantamento da Encarnação de seu Filho e na glória da sua ressurreição segundo a carne, não somente o Pai aformoseou as criaturas em parte, mas podemos dizer que totalmente as deixou vestidas de formosura e dignidade” (5,4).

E pelas criaturas ela sai à procura do Amado “ferida de amor” por Ele. Em toda esta marcha de procura o protagonista central é Jesus Cristo, Verbo, Incarnado, Ressuscitado.

A presença de Cristo na *Noite escura* é que se pode tornar mais problemática à primeira vista. A composição deste poema continua envolto em mistério; podemos, contudo, afirmar que estamos perante um poema originariamente religioso. Aqui não se celebra o amor profano que depois numa segunda fase se orienta ao divino. O autor canta numa maneira bela, desde um ponto de vista teológico e literário, a união da pessoa humana com Cristo à luz do símbolo nupcial. Aqui aparece a necessidade vital que o homem tem de Cristo.

S. João da Cruz chega mesmo a afirmar que enquanto este não alcance a graça do *matrimónio espiritual* o seu coração não sossega. “Porque todo o desejo e fim da alma e de Deus em todas as obras da alma, é a consumação e perfeição deste estado, pelo que a alma nunca descansa até chegar a ele” (CE 22,5).

A *noite* está caracterizada por uma grande secura e desgosto no exercício da vida espiritual; trata-se da passagem da experiência sensorial de Deus à percepção contemplativa. Entrar nesta *noite* é dom de Cristo, como se pode observar pela *declaração* primeira. Isto demonstra que a *noite* está cheia de unções cristológicas. O santo identifica-a com o caminho estreito de que fala o Senhor no Evangelho (Cf. 1N parágrafo que segue o poema). Trata-se como recorda o santo numa sensação de morte que une o discípulo com Cristo paciente. Ao longo do livro irá recordando esta identificação (1N 6,7; 7,3-4). Não há dúvida que na mente do santo a *noite* corresponde ao seguimento de Cristo e por isso ele faz um constante apelo ao seguimento de Jesus, a “seguir as pisadas de Cristo”.

O enamoramento vai crescendo também na *noite*: “Quanto mais avança, mais a alma se vai vendo afeiçoada e inflamada em amor de Deus ... E porque às vezes cresce muito a inflamação de amor no espírito, as ânsias por Deus são tão grandes na alma, que parece se lhe secam os ossos nesta sede, e se marcha o natural” (1N 11,1).

Será Cristo o protagonista deste livro? Fazemos esta pergunta porque não têm sido poucos os que suspeitaram da sua ausência. As explicações que se deram para justificar esta ausência têm sido muito diferentes.

Cristo não pode estar ausente da *noite*. Seria um contra-senso. Depois que a pessoa O esteve procurando até agora e celebre com Ele depois o matrimónio, não teria explicação que Ele fizesse este parêntese de ausência. Se assim fosse romper-se-ia a férrea unidade de pensamento que engancha as *Obras* do santo.<sup>72</sup> Que sucede aqui, então, uma vez que aparece uma presença tão ténue?

Não são poucos os textos que iluminam cristicamente a *noite*. Ao comparar as ânsias da esposa às da Madalena, está a dizer-nos que o objecto da sua procura é Cristo (2N 13,6-7; 19,2). A alma não procura outra coisa que o Amado.

Ela “anda tão solícita que busca o Amado em todas as coisas; em tudo quanto pensa, logo pensa no Amado; em tudo quanto diz, em todos os negócios que se oferecem, logo é falar e tratar do Amado; quando come, quando dorme, quando vela, quando faz seja o que for, todo o seu cuidado é no Amado” (2N 19,2).

Ele não pode resistir aos rogos penosos da alma e torna-se presente: “O imenso amor do Verbo Cristo não pode sofrer penas na Sua amante sem lhe acudir” (*ibid.*,4).

No capítulo 21 interpreta a marcha empreendida na *noite* como um caminho para o revestimento de Cristo. Capítulo que se pode considerar, sob certo aspecto, como chave na interpretação da obra do santo.<sup>73</sup> A *noite* termina com a experiência do desposório espiritual que se realiza com Cristo (2N 24,3).

---

<sup>72</sup> Além disso temos que ter presente que o *Cântico* faz todo o recorrido da vida espiritual com Cristo, e ali faz-se alusão à *noite*.

<sup>73</sup> Este “é um dos capítulos mais belos que escreveu São João da Cruz” (F. GARCÍA MUÑOZ, *Cristología de San Juan de la Cruz (Sistemática y mística)*, Madrid, Fundación Universitaria Española, 1982, 188).

Como já recordámos, no fim, Jesus Cristo sai ao encontro da noiva (2N 23,7). Ela empreendeu a fuga nocturna para o descobrir (1S 14,2; 1N 1,2; 2N 13,5-7). No último dos textos citados comparam-se as ânsias da amada com as da esposa do *Cântico dos Cânticos* e de Maria Madalena, imprimindo, desta maneira, mais ambiência crística e colorido evangélico aos protagonistas e aos seus amores. A *noite* é, por conseguinte, um noivado entre a alma e Cristo. Se isto assim é, porque é que não se põe por modelo a pessoa de Jesus, em vez de Jeremias, Job ou o salmista abandonado? A resposta é simples: Cristo não pode ser modelo de imperfeição alguma. Na *noite* de que falamos a esposa está a ser purificada de muitas coisas que surgem de imperfeições ou atitudes terrenas demais. Precisamente uma das sensações que produz este processo de purificação é a distância que a separa de Cristo. A sensação de perda momentânea (ausência) d’Ele é natural. A pessoa está a passar a outra forma de compreensão e de amor da sua pessoa, que está mais na linha com os dons do Espírito Santo. E a passagem numa forma de “compreensão” a outra não se pode realizar sem a perda da primeira.<sup>74</sup>

Isto é tudo o que está a acontecer no que diz respeito a Cristo. Se Ele se manifestasse na *noite* e a esposa tivesse consciência de estar a percorrer o seu caminho, então, não haveria *noite*. Precisamente estas trevas são produzidas por ela não entender que com esta desorientação, vinda de Deus, se alcança a luz desejada. Não esqueçamos a imagem que percorre a poesia: a jovem enamorada, graças à escuridão, pode fugir de sua casa; o coração marcha apressadamente para o Amado, a quem encontra ao fim na ameia. Na *noite* faz com que ela não possa errar o caminho que conduz até Ele, libertando-a das sugestões do demónio, do mundo e de si mesma.

Até agora configurou-se com o Amado à sua maneira, agora, passada a *noite*, encontra-O na ameia, tal como Ele é. Por isso mesmo podemos afirmar que Cristo é o Senhor da *noite*; é Ele que a produz e é Ele o termo para onde ela se dirige. O que aconteceu com Israel no exílio com o seu Deus, acontece à alma na *noite* com Jesus Cristo. “Apesar da debilidade dos elementos exegéticos com que podia contar,

---

<sup>74</sup> Falando destas sensações, escreve o santo: “Deixando-a a seco e em aperto tanto quanto convém segundo o hábito que tinha de naturais afeições, tanto acerca do divino como do humano, para que extenuada, dessecada e bem exercitada de todo o género de demónio ... tenha disposição pura e simples, e o paladar purificado e são para sentir os subidos e peregrinos toques do divino amor” (2N 9,3).

São João da Cruz teve a intuição certa do sentido autêntico que entranhavam as citações bíblicas que traz o livro da *Noite escura*. São os grandes textos da história da salvação em que se revela o momento crítico da passagem pelo exílio. Israel dá então o passo decisivo para os grandes horizontes universais da salvação”.<sup>75</sup>

### 2.9. *A união do homem com Deus*

A meta final do processo espiritual sãojoanista é a união do homem com Deus, união plena e transformante. Esta é a realidade que preside todo o seu itinerário espiritual, desde as primeiras etapas do caminho até ao cimo do Monte Carmelo; desde a integração da actividade dispersa dos sentidos e potências, até à unificação interior; desde as primeiras purificações da noite escura do sentido até à purgação do espírito; desde as primeiras manifestações de amor até ao matrimónio espiritual; desde os primeiros toques divinos da chama de amor viva até à visão de Deus.

Todos os escritos de S. João da Cruz não têm outro objectivo: clarificar todo o processo na realização da união com Deus. Assim o manifesta no subtítulo de cada uma das suas obras maiores.<sup>76</sup>

Isto é o que “ela [a alma] sempre apetece natural e sobrenaturalmente” (CE 38,3). E não somente a alma, mas também o próprio Deus: “Todo o desejo e fim da alma e de Deus em todas as obras dela é a consumação e perfeição deste estado” (CE 22,6). Isto obedece ao projecto de Deus sobre o homem, ao fim “para o qual fomos criados” (CE 29,3) e predestinados em Cristo.<sup>77</sup>

E no amor Deus tem sempre a iniciativa; e é esta doação pessoal de Deus que precede radicalmente e fundamenta o amor e entrega do homem. E isto acontece ao longo de todo o processo espiritual. A atitude do homem é sempre de resposta. Por isso é determinante para a

---

<sup>75</sup> F. URBINA, *Comentario a Noche oscura del espíritu y Subida al Monte Carmelo*, Madrid, Marova, 1982.

<sup>76</sup> “Trata de como uma alma se pode dispor a fim de em breve tempo chegar à divina união” (*Subida do Monte Carmelo*); “Declaração das canções acerca do modo que a alma tem no caminho espiritual para chegar à perfeita união de amor com Deus” (*Noite escura*); “Declaração das canções que tratam do exercício de amor entre a alma e o esposo Cristo” (*Cântico espiritual*); “Declaração das canções que tratam da mui íntima e qualificada união e transformação da alma em Deus” (*Chama viva de amor*).

<sup>77</sup> Cf. R 3 e 4.

resposta por parte do homem o tomar consciência, o “cair na conta” deste amor de Deus. Este é o primeiro passo no caminho para a união com Ele: “Dando a alma conta do que está obrigada a fazer ...; conhecendo a grande dívida que tem para com Deus por a ter criado somente para si, pelo que Lhe deve o serviço de toda a sua vida, e de a ter redimido somente para si mesmo, pelo que Lhe deve todo o resto e a correspondência de amor de sua vontade, e mil outros benefícios em que se conhece obrigada para com Deus *antes mesmo que nascesse* ..., sem dilatar um dia nem uma hora, com ânsia e gemido saído do coração, ferido já de amor de Deus, começa a invocar a seu Amado” (CE 1,1).

Todo o processo espiritual do Santo, processo de identificação com Cristo e concretamente a noite desemboca no matrimónio espiritual com Cristo. Para explicar a união do homem com Deus, S. João da Cruz recorre ao simbolismo nupcial. A mística viu este acontecimento desde a ontologia, como transformação, e desde a psicologia como união matrimonial. Esta categoria de matrimónio assume nas obras do Santo e concretamente no *Cântico espiritual* rasgos de primazia. A origem deste símbolo é bíblica, principalmente do *Cântico dos Cânticos*, onde o nosso autor se inspira. Para ele a união com Cristo é o paradigma do matrimónio humano. S. João da Cruz aceita este simbolismo em toda a sua plenitude e intensidade. A palavra Esposo aplicada a Cristo aparece nas suas obras 231 vezes. Mais frequente ainda é a palavra Amado que aparece 313. Desta maneira a vida cristã é-nos apresentada com tal grau de intimidade com Deus que anula todo o moralismo.

Embora não haja possibilidade de expor com certa profundidade, por falta de tempo, a distinção que faz o santo entre desposório e matrimónio espiritual, quero disto fazer menção e dizer como de passagem: o desposório distingue-se do matrimónio pelo seu carácter passageiro e falta de amor pleno. Dá-se uma verdadeira comunhão de amor e até certa plenitude, mas a pessoa disso não tem consciência.

O matrimónio espiritual: “É uma transformação total no Amado, em que ambas as partes se entregam por total possessão de uma à outra, com certa comunicação de união de amor, em que a alma está feita divina e Deus por participação, quanto se pode nesta vida” (CE 22,3). O matrimónio espiritual implica intercomunicação afectiva e efectiva das pessoas que se amam, a plenitude do amor e a máxima realização pessoal.

Esta união com Deus é fonte de transformação, que apanha o homem em todas as suas dimensões. A realidade desta transformação é a divinização que João da Cruz expõe com riqueza de expressões como uma antecipação da glória futura. Divinização e glorificação polarizam toda a exposição que o santo faz nos livros: *Cântico espiritual* e *Chama viva de amor*.

“A transformação pela divinização constitui a culminação do processo espiritual sãojoanista, que o santo descreve não como uma realidade estática, mas essencialmente dinâmica, como *exercício de amor afectivo e efectivo*. Não se trata nem de puro ontologismo sobrenatural, nem de simples moralismo”.<sup>78</sup>

A teologia da graça, ao falar da união com Deus e da divinização entende-a normalmente em termos ontológicos. S. João da Cruz explica-a preferentemente como transformação de vontades em amor. Por isso propõe a união como conformidade de vontades. Esta dá-se “quando as duas vontades, a saber, a da alma e a de Deus, estão conformes em tudo, não havendo numa nada que repugne à outra. E assim, quando a alma tirar totalmente de si o que repugna e não está conforme à vontade divina, ficará transformada em Deus por amor” (2S 5,3).

Sobre estas exigências de conformidade de vontades traça o caminho para a união, já exposto. O doutor místico, fiel neste ponto à tradição patrística mais do que à teologia escolástica, fala dela em termos personalistas, como comunicação real das pessoas. Não só se dá união de vontades, um “bem-querer”, mas verdadeira comunicação das pessoas divinas. O santo distingue entre ter a Deus por graça (teologia escolástica) e tê-Lo também por união (tradição patrística):

“Nesta questão vem a propósito notar a diferença que há entre Deus em si somente pela graça e em tê-Lo também pela união. No primeiro caso há só bem-querer, no segundo há também comunicação mútua, que é a mesma diferença que há entre os esposais e o matrimónio. Porque nos esposais há só um recíproco sim e uma só vontade de ambas as partes e jóias e galas de desposada que lhas dá graciosamente o desposado; mas no matrimónio há também comunicação das pessoas e união” (C 3,24).

A esta comunicação de Deus responde a da alma que assim iluminada e transformada, “Com estranhos primores / Calor e luz dão junto ao seu Querido”:

<sup>78</sup> CIRO GARCIA, *Juan de la Cruz y el misterio del hombre*, Burgos, Monte Carmelo, 1990, 221.

“Porque estando ela aqui feita uma mesma coisa com Ele, é em certa maneira Deus por participação; que embora não tão perfeitamente como na outra vida, é, como dissemos, uma como sombra de Deus. E assim, sendo ela por meio desta substancial transformação a sombra de Deus, faz em Deus por Deus o que Ele faz nela por Si mesmo e do modo que Ele o faz, porque a vontade dos dois é uma, e assim também é uma a operação de Deus e da alma. De onde se segue que, como Deus se lhe está dando de livre e graciosa vontade, assim também ela, tendo a vontade tanto mais livre e generosa quanto mais unida a Deus, está dando a Deus ao mesmo Deus em Deus, e é verdadeira e inteira dádiva da alma a Deus.

Porque ali vê a alma que Deus é verdadeiramente dela, e que O possui com posse hereditária, com propriedade de direito, como quem é filho adoptivo de Deus, pela graça que Deus lhe fez de se lhe dar a Si mesmo, e que, como coisa própria, O pode dar e comunicar a quem ela bem quiser; e assim ela dá-O ao seu Amado, que é o mesmo Deus que se deu a Ela, no que ela paga a Deus tudo o que Lhe deve, porquanto Lhe dá de vontade outro tanto como d’Ele recebe” (C 3,78).

S. João da Cruz apresenta a divinização do homem como antecipação da glorificação final, que “natural e sobrenaturalmente apetece” e que põe de manifesto já nesta vida o dinamismo infinito que existe no coração do homem amado por Deus. Isto explica o desejo da alma, que alcançou esta união com o Amado: “Só lhe fica uma coisa a desejar, que é gozá-lo perfeitamente na vida eterna” (CE 36,2). Daí que ela faça o seguinte pedido: “Gozemo-nos, Esposo, / vamo-nos a ver em tua formosura, / ao monte e cerro umbroso / donde mana a água pura: / entremos mais adentro na espessura” (CE 36).

No comentário do Santo a esta canção que manifesta as ânsias de glória, queremos destacar o dinamismo antropológico da glorificação, que é o exercício de amor, como na divinização, cuja consumação é precisamente a glorificação eterna.<sup>79</sup>

---

<sup>79</sup> O doutor místico parece afastar-se aqui da tese tomista, segundo a qual a glória essencial consiste em ver a Deus e não em amar. A sua tese, sem descartar a visão, coloca especial ênfase no dinamismo do amor: “Como o fim de tudo é o amor, que subsiste na vontade, cuja propriedade é dar e não receber; e a propriedade do entendimento, que é sujeito da glória essencial, é receber e não dar, estando aqui a alma embriagada de amor, não se lhe põe diante a glória que Deus lhe há-de dar, senão o dar-se-Lhe ela a Ele em entrega de verdadeiro amor, sem qualquer preocupação de proveito próprio ...; porque com o amor a alma paga a Deus o que lhe deve, e com o entendimento antes recebe de Deus” (CE 38,5).

E neste exercício de amor efectivo e afectivo não se dá senão Cristo, pela contemplação do mistério da sua Incarnação, que é a grande manifestação de amor de Deus aos homens (CE 37). Querendo corresponder a este amor, a alma deseja ardentemente a sua consumação para “chegar a amar a Deus com a pureza de amor e perfeição que ela é amada d’Ele”. Mais ainda, deseja “amar o Esposo com a perfeição com que Ele se ama” e alcançar desta maneira “a glória essencial para que Ele a predestinou” (CE 38,2). Isto leva-a a pedir a “igualdade de amor”, que S. João da Cruz qualifica de “pretensão”:

“Esta pretensão da alma é a igualdade de amor com Deus que sempre ela apetece natural e sobrenaturalmente, porque o amante não pode estar satisfeito se não sente que ama tanto quanto é amado. E com a alma vê que com a transformação que tem em Deus nesta vida, embora seja imenso o amor, não pode chegar a igualar com a perfeição de amor com que de Deus é amada, deseja a clara transformação da glória, em que chegará a igualar com o dito amor. Porque embora neste alto estado que aqui possui haja verdadeira união de vontade, não pode chegar ao quilate e força de amor que terá naquela forte união da glória” (CE 38,3).

São João da Cruz explica o gozo da glória pela participação no mistério trinitário, que é comunhão de vida e amor do Pai e do Filho no Espírito Santo. Este mesmo Espírito é comunhão de amor do Pai e do Filho. Em virtude desta união, a alma participa juntamente com o Pai e o Filho na aspiração do Espírito Santo (CE 39,4).

- Para que ela pudesse chegar a isto [visão de Deus Trino e Uno], “criou-a Deus à sua imagem e semelhança”.<sup>80</sup>

- Jesus na sua oração ao Pai [que apelidamos de oração sacerdotal], entre as muitas coisas que pediu está esta: “Pai, quero que onde eu estou, estejam também comigo aqueles que me deste, para que vejam a glória que me deste” (Jo 17,24), e comenta o santo: “a saber, que façam em nós por participação, a mesma obra que eu faço por natureza, que é aspirar o Espírito Santo”.<sup>81</sup>

---

<sup>80</sup> CE 39,4.

<sup>81</sup> CE 39,5. A beata Isabel da Trindade ao citar esta oração e concretamente este pedido: “Pai, quero que onde eu estiver, aqueles que vós me destes, aí estejam comigo...”, comenta: “não apenas durante a eternidade, mas já no tempo que é a eternidade começada, embora sempre em progresso”. *Escritos espirituais*, Edições Carmelo, Paço de Arcos, 1989, p. 20.



Pela acção do Espírito Santo que “levanta mui subidamente a alma e a informa e habilita” ela “aspira em Deus a mesma aspiração de amor que o Pai aspira no Filho, e o Filho no Pai, que é o mesmo Espírito Santo que a aspira no Pai e no Filho na dita transformação para a unir consigo”

“Esta transformação não seria verdadeira, nem total, se a alma não se transformasse nas três Pessoas da Santíssima Trindade revelada e manifestamente”

Por esta união com a Santíssima Trindade o homem faz-se “deiforme e Deus, por participação” e possui por participação “os mesmos bens que Ele [Jesus] possui por natureza; pelo que são verdadeiramente deuses por participação, iguais e companheiros de Deus”.

A partir daqui, o homem vive “a sua vida, pelo conhecimento e pelo amor, na Santíssima Trindade, juntamente com Ela e como Ela”.

“S. João da Cruz expôs, como ninguém anteriormente na história do cristianismo, esta função consumadora própria do Espírito Santo, na medida em que se trata de homogeneizar todos os sentidos e desejos, potências e substância da alma com Deus, de forma que possa co-realizar com Ele o seu mistério, aspirando com o Espírito a aspiração divina”.<sup>82</sup>

## 2.10. Conclusão

O processo espiritual vivido e apresentado pelo santo não termina em Cristo. Jesus é caminho. Ele penetra no mistério trinitário através do Verbo incarnado. É por este caminho que o mistério trinitário se nos comunica e é por ele que nós chegamos ao seu conhecimento. Por isso para efeitos de revelação podíamos mudar a ordem dos termos e falar da Incarnação à Trindade. Nós vimos e conhecemos o Verbo de Deus, a Segunda Pessoa da Trindade, o Filho que viveu um certo tempo entre nós. Remontando esse acontecimento misterioso à sua origem, encontramos-nos, então, com o Princípio da vida. Por isso mesmo, S. João da Cruz começa a poesia (romance): / “No princípio morava / o Verbo, e em Deus vivia, / ele sua felicidade / infinita possuía”.

---

<sup>82</sup> Cf. CE 39 e C 4. OLEGARIO GONZÁLEZ DE CARDEDAL, *La entraña del cristianismo*, Salamanca, 1997, 826.

A primeira imagem de Deus que nos aparece nesta poesia (romance) não é a de Deus princípio do mundo, do movimento ou da estabilidade, mas a imagem de Deus comunhão de amor pessoal. É Deus de vida e amor.

“Três Pessoas e um amado  
entre todos três havia;  
e um amor em todas elas  
e um só amante as fazia”.

Pela encarnação do Verbo, a união de Deus com os homens quer ser intencionalmente cópia fiel do ser e da vida de Deus. O santo fala de companhia, semelhança, vida e amor. O *mesmo* ser, o mesmo amor, a minha mesma pessoa (Cf. P 1,2).

Para S. João da Cruz, contemplar o mistério de Deus e falar dele é contemplar e apresentar o mistério do homem.

# CULTURA E VALORES EM CRISE

## ALTERNATIVA POSSÍVEL

FREI BERNARDO DOMINGUES

1. Con acentuação diversa, consoante as correntes filosóficas e religiosas prevalentes, a *questão dos valores foi e será sempre fundamental* para uma cultura que pretenda ser fiel à promoção integral da humanidade.

É um imperativo categórico «humanizar a vida» social que permita o integrado desabrochar das potencialidades humanas, estimulando cada pessoa a ser fiel a si mesma e à matriz comum: tornar-se cada vez mais consciente, livre, culta, verdadeira, boa e justa, com apuramento da consciência ética da solidariedade, *tornando-se diferente e complementar*. A interioridade e exterioridade integradas, devem promover a ajustada contemplação e acção; todos diferentes e todos semelhantes, todos deveríamos ser razoáveis, operativos, interventivos e solidários, fiéis aos compromissos fundados na justa promoção do bem comum que não permitisse a exclusão de ninguém, obrigando-se todos a praticar a justiça comutativa e distributiva.

2. Sendo verdade que quem é bom age bem, isto é fruto da cultura, culto e virtude, pela força persistente *para se tornar autenticamente humano* num determinado contexto familiar e social. Ao longo da história constata-se que a evolução nunca foi homogénea; houve saltos quantitativos e qualitativos promovidos por circunstâncias indutoras ou pela intervenção profética e determinante de líderes no campo da ciência, da religião ou da política. Mas, habitualmente, as mudanças foram lentas e a *inovação permitiu enxertar tradição em novidade* sem grandes saltos e abalos.

Constatamos que vivemos numa *intensa «aceleração histórica»* que dificulta, com critérios, caldear convenientemente o ontem, o hoje e o futuro. Todos temos que viver num determinado contexto de crise no qual nos realizamos ou degradamos, nos salvamos ou perdemos. E não podemos iludir a questão fundamental, ética e política: somos desafiados a tomar *posição esclarecida, ponderada e competente* neste tempo, nesta família, nesta sociedade sem rumo explícito, sofrendo todos de dúvidas sobre os fins e conscientes de que não dispomos de meios sólidos.

3. Qualquer que seja a nossa experiência, idade, as experimentadas capacidades e as limitações, parece-nos normal que nos sintamos confusos e hesitantes. A *incerteza, a ansiedade e a insegurança* são variadas características desta fase de *transição acelerada* para a arriscada «sociedade global». Os cálculos e as suposições ultrapassam a nossa capacidade avaliativa em vista de buscar *pistas de adaptação coerente*. O futuro é sempre incontrolável, mas a «densidade ansiosa» pode ser mais ou menos proporcionada face às incapacidades de previsível controlo. Olhando com realismo ponderado para o que se lê no «Jornal de Notícias» de hoje (2000.06.02) é de ficar perplexo, até angustiado, com o responsável título da primeira página: somos os «piores da Europa» em aspectos fundamentais do saber para viver. As médias, nas avaliações de matemática, são terrivelmente negativas: sete e uma décima e que ainda é inferior ao ano transacto; os alunos auto-propostos ficaram pelo três e sete décimas; a Física e a Química também tiveram resultados muito negativos.

Estes indicadores apontam para uma avaliação de como o Ensino bateu no fundo. É que quando se exige rigor, números, exactidão, tudo está muito longe do considerado suficiente. Isto faz-nos fundadamente supor (ainda que extrapolando) que nos outros domínios estaremos a um nível semelhante, com a política louca das subidas administrativas ou subjectivas, segundo a cultura prevalente do facilitismo e fachada com «ajudas» e «acertos» pelo «mais ou menos».

A «paixão pela educação» extinguiu-se rapidamente e transformou-se em pesadelo; estamos numa situação que qualquer grau de pessimismo ficará aquém do real do presente sofrido que compromete o futuro. Mas a capacidade efectiva de reagir e encontrar alternativas adequadas é uma responsabilidade pessoal e social, cada um segundo as próprias capacidades de riscos medidos.

4. Efectivamente para que haja condições de funcionamento efectivo e de regime democrático, com idênticas oportunidades para todos, é preciso

e essencial garantir a aplicação da justiça comutativa e distributiva. *Para que se possa viver em liberdade efectiva* há que garantir: ensino superior de qualidade, adequados serviços de saúde, atempada, pertinente e universal funcionamento da justiça, num contexto de vida social estável e seguro com adequados apoios à Família, base do desenvolvimento pessoal com transmissão dos valores de ser pessoa competente e honesta.

Os valores do respeito por si e pelos outros, a consciência ética esclarecida com o assumir dos critérios de verdade, justiça, solidariedade, complementaridade e cooperação mútua, só são caldeados e transmissíveis num *contexto de vida familiar estável, baseada no amor sadio e no fiel respeito duns pelos outros*, em que cada um assume os respectivos papéis e funções ajustadas às idades e capacidades. A competência e a honestidade nas relações de trabalho e sociais, são pois primeiramente assimiladas na família em que não se cultiva a marginalidade nem a competitividade fraudulenta.

Para enfrentar o futuro, sem excessiva angústia, devemos intervir com certa agilidade mental para não ficarmos fervorosamente seduzidos pela técnica nem nos fecharmos às potencialidades que as tecnologias poderão proporcionar como meios para humanizar a vida futura com ciência, consciência inovadora e bom senso, para bem distinguir o que é permanente e provisório, o relativo e o absoluto.

É essencial não «perder o comboio», mas há que não se enganar naquele em que embarcamos; há que definir os objectivos, o destino a atingir, os meios e ritmos a utilizar ponderadamente.

5. Nesta situação de «mediocridade ética» da posmodernidade parece adivinhar-se uma divisória ou *ruptura civilizacional*, nomeadamente nas questões de relacionamento social e de aventura tecnológica, sem suficiente ponderação dos eventuais riscos, de radicalidade e descontinuidade com os perigos de «desadaptação» social.

O que está à vista, para já, é o consumismo desenfreado, investimento em tecnologias de diversão, em contraste com a fome, a miséria, a guerra e a sida devastadoras. *A aceleração é comandada pela «excessiva» informação e a manipulação criadora de necessidades artificiais*, sem o adequado investimento nos domínios da ética e da deontologia, ficando apenas em «consensos provisórios» e no adiamento sem tomar posição clara sobre a «objectividade do bem e do mal» e com as respectivas consequências, eventualmente irreversíveis.

Dispondo, como nunca, de conhecimentos, de epistemologia abrangente para interpretar o cosmos, a vida pessoal e social para podermos

prever e organizar o futuro, a sociedade sonâmbula, quiçá adormecida, parecendo apostada em *arriscar na ruptura* e na *descontinuidade*. Em termos prudenciais, ou seja, pensar, discernir, ponderar e agir bem a tempo e horas, parece-nos pouco inteligente a atitude de fugir do confronto entre o possível e o conveniente, a começar pelas instituições sociais e políticas que deveriam ser comandadas por princípios éticos, identificados e avaliados, para comandarem as decisões com impacto social duradouro e abrangente das diferenças legítimas.

De forma extensiva e intensiva, os modelos tradicionais são abatidos e *vamos caindo no vazio e na descontinuidade*, com consequências na falta de critérios de avaliação e selectividade entre o certo e o errado. A título de exemplo bastaria citar os ataques sistemáticos à família heterossexual, estável, educativa, identificadora e formadora de personalidades diferentes, substituída pelos provisórios ou ocasionais «uniões de facto», hetero e homossexuais, «orgulhosos» da «anormalidade».

E, conscientes que a epidemia da sida, a expansão da toxicodependência, a criminalidade organizada são um facto, insiste-se na tolerância e na despenalização. Parece que há falta de coragem política para olhar de frente as causas e os efeitos e apenas se aconselha o «sexo seguro» com gratuidade de preservativos, a oferta de seringas, metadona, etc. É a atitude estúpida da avestruz...

Constatando que vivemos uma profunda revolução cognitiva e que há mudanças de modelos de valores sociais, graças à pressão ideológica, haveria que ponderar o que seria de deixar cair e o que *seria de promover como alternativa razoável*; é inadequada a solução de se abster...

De facto dispomos de conhecimentos, de tecnologias e de poderosos meios pedagógicos para reformular as necessárias transformações; tendo portanto os meios haveria que definir as finalidades substantivas e encontrar os processos e ritmos ajustados ao presente incerto, em que tudo é avaliado e decidido em termos do «macro» e do «global», sem pensar nas pessoas diferentes e com necessidades e urgências diversificadas e prioritárias, a principiar pela envelhecida Europa, face à África e Ásia sobre povoadas, esfomeadas, exploradas e infectadas.

6. Após a dramática luta ideológica e o horrível esmagamento dos diferentes para superar e suprimir as diferenças de classes, surgiu o fracasso e uma nova estruturação social. Mesmo entre nós, com o desenvolvimento ideológico excessivo de substituição das responsabilidades éticas e sociais pelo Estado providência, está a conduzir ao parasitismo, à fraude sistemática

no «rendimento mínimo garantido» e à constatada fuga aos impostos, com a consequente «exploração injusta» dos impostos dos que trabalham por conta de outrém. *O crescimento económico insuficiente, acompanhado duma paralela consciência de solidariedade*, tem conduzido à agressividade manifesta nos desastres rodoviários, nos assaltos violentos à propriedade alheia e à agressão, frequentemente mortal, às pessoas tanto a nível individual como até «assaltos a comboios» e consequente insegurança generalizada, mesmo na cara da ineficaz expansão policial.

A situação social é, pois, complexa, está em transformação acelerada: sabemos donde vimos, mas ignoramos para onde vamos. E de facto, «esta é a sociedade que todos nós criamos e sofremos» de que vão aceleradamente desaparecendo os tradicionais paradigmas valorativos, confrontando-nos com dilemas éticos: o que fazer, como intervir?

A ambiguidade axiológica aparece inerente a esta *experiência acelerada de descontinuidade social* e não vale a pena iludir esta real complexidade. De facto, uma questão é o possível enunciado teórico normativo e outra é a sua vivência nas *famílias* e nas *sociedades dispersas, plurais, hesitantes e desconexas*. É por isso que se fala duma ética das crises de que resultará a crise duma determinada moral e respectivos comportamentos na evidente mutação e evolução cultural e que não facilitam as rotinas e a regularidade da vivência e transmissão regular dos comportamentos tidos por correctos. A crise cultural e religiosa envolve um abalo dos critérios comportamentais; e muito mais radical nas situações de aceleração histórica como a que nos envolve.

7. Perante as situações afloradas, poderemos ser mais ou menos passivos ou interventivos, confiantes ou desanimados. No evidente poderemos convergir, no opinável cada um poderá evocar as razões que raramente são apenas racionais, mas todos somos chamados à responsabilidade de pensar e *propôr, sem azedume, os próprios pontos de vista de forma construtiva*:

a) A primeira questão consiste em reflectir responsabilmente sobre o que *será universal e definitivo* e o que está dependente das diferentes culturas, religiões e situações. Há valores que mudam com os paradigmas culturais concretizados e vivenciados. Daí que o *diálogo honesto*, aberto e conclusivo parece-nos essencial para *evitar os perigos do fundamentalismo ou do pragmatismo* das conveniências dos mais fortes.

Porque as culturas são «incomparáveis», o mesmo poderá acontecer com os valores relativos e circunstanciais no *diálogo intercultural e interreligioso*. E parece-nos claro que não há valores culturais universais, donde resulta pois a necessidade do pluralismo na multiplicidade cultural e religiosa das experiências humanas.

A dialéctica conceptual acerca das filosofias e ideologias poderia acertar sobre «mínimos» axiológicos, mas é essencial distingui-los da experiência religiosa que pode fundamentar determinados valores. Tem-se escrito sobre «humanismo ecuménico», o que poderá envolver certa ambiguidade laxista.

b) Entre nós, a murcha «revolução dos cravos» foi uma revolução em que operou a mediocridade, com um ou outro aspecto de agressividade balofa e prevaleceu a *cultura de evitar o afrontamento e ficou-se no «mais ou menos»*, com o egoísmo e o consumismo paralisantes, conseguindo o máximo de bens e prazer com o mínimo esforço sistemático.

Em política tem prevalecido o «centrismo» com acertos e aspectos éticos mínimos, incluídos na «Constituição», tentando «liberdade suficiente» para todos, mas recorrendo a possível *manipulação informativa* e à *corrupção dos influentes* para superar o poder. E a justiça não tem funcionado a não ser para o insignificante.

c) *Certa laicidade estratificante, simpática e estratégica para com o poder eclesiástico*, tem penetrado no ensino e nas várias formas de cultura e até em tentativas a nível do legislativo. Mas taticamente têm-se evitado os confrontos. Neste domínio talvez haveria que tentar clarificações e ser mais explícito, sem provocar confrontos ou rupturas sociais prejudiciais à vivência democrática com a expressão religiosa e política aceitáveis.

d) *A democracia é autêntica* na medida em que promove eficazmente o bem comum na base da liberdade, da responsabilidade e da solidariedade, que envolve adequado exercício da justiça comutativa e distributiva.

A distinção real entre os *poderes legislativo, executivo e judicial* é um bem fundamental. Teoricamente entre nós essa garantia existe. Mas constata-se uma mediocridade geral em que poucas coisas funcionam com eficácia e rapidez como resultado da baixa qualidade social generalizada.

Isto não deve ser aceite passivamente como um fatalismo; haveria que *suscitar o desenvolvimento do espírito democrático pela competência, honestidade e participação esclarecida*, com ciência e arte, para despertar as consciências para o dever ser, de estar e participar esclarecidamente. É essencial estudar a nossa sociedade e propôr utopias que desenvolvam a realização social integrada no *respeito integral pelos trinta princípios dos direitos humanos* e assim possam avaliar, estimular, recompensar e castigar com justiça clarividente, em busca do Bem Comum.

e) *A liberdade e a responsabilidade efectivas* fazem parte do regime democrático, seja qual for a formulação: liberal, socialista, social democrata,



etc. Numa sociedade cada vez mais plural, haverá que, armados com espírito avaliativo, compreensivo e tolerante, buscar os caminhos que orientam para a felicidade com base na justiça e na solidariedade, de modo que todos disponham dos bens necessários para a vida humanamente razoável e feliz.

A ética laica faz apelo a consensos mínimos, na adesão a projectos comuns, tendo no horizonte que a pessoa é uma originalidade a respeitar incondicionadamente. Frequentemente há dificuldades reais porque não há convergência nos conceitos de bem, felicidade, finalidade e sentido.

No apuramento da racionalidade ética, haveria que pensar com exigência, imaginar-se na situação dos outros nos momentos de *pensar e decidir, buscando a coerência e a convergência possível nas diferenças inevitáveis*, em busca de uma ética universal.

8. É tempo de buscar *apurados consensos éticos* e democráticos que sejam universalmente aplicáveis a assumir na vida familiar e social. Este *código de direitos e deveres universais* deve basear-se e desenvolver uma explícita pedagogia sobre o sentido intrínseco da pessoa. Além dos trinta princípios da Declaração dos Direitos do Homem, haveria que aprofundar a respectiva fundamentação filosófica e antropológica, dispersa nas culturas e religiões. De modo mais ou menos explícito ou subjacente, é possível buscar e encontrar os princípios básicos sobre a origem, finalismo e sentido da vida no tempo e para além dele. Em diálogo aberto e ecuménico, recorrendo a todos os métodos e processos disponíveis e ajustados a cada situação e matéria, parece possível encontrar os fundamentos coerentes que justifiquem a autonomia e a heteronomia, os direitos e deveres comuns nos diversos contextos religiosos e culturais, agora sob a pressão da globalização. As conotações entre *igualdade, semelhança, diferença, complementaridade e reciprocidade* poderão conduzir à formação duma *consciência ética tolerante, aberta e comprometida*, em busca da vocação da felicidade.

Parece útil e urgente investir no apuramento dum núcleo explícito sobre *ética mundial*, estimuladora da fraternidade no respeito efectivo pelos direitos e deveres proporcionais a todos e que incluiria explicitamente: não matar, não roubar, não mentir, não à prostituição, a desenvolver e explicitar, tais como: direito à vida, à liberdade, ao desenvolvimento pessoal explícito até ao limite de não impedir o desenvolvimento dos semelhantes. O Estado está ao serviço do povo, não poderá eliminar os outros povos nem submetê-los pela violência, nem abusar de recursos, impedindo outros de viver com sentido e dignidade. Por outro lado, os conflitos devem ser obrigatoriamente resolvidos pelo diálogo ou arbitragem que respeite um ordenamento jurídico justo.

10. No respeito activo pela vida, cultura e recursos naturais, há que promover a solidariedade, a *igualdade de oportunidades para ambos os sexos*, aceitando decisões que não colidam com o legítimo bem, como não permitindo que se faça aos outros o que não queremos para nós.

A cultura explícita da *solidariedade complementar* deveria informar os modelos políticos, sociais e familiares; qualquer que seja a sua matriz filosófica, há que educar para a *cidadania e a vida comunitária* em liberdade responsável.

Não se devem impor modelos únicos de religião ou ordenamento familiar, social e político, mas haveria que *educar para a corresponsabilidade humanista* na cultura, no trabalho e nas opções sociais, permitindo que se forme uma consciência pessoal ética esclarecida, aberta e ecuménica, ultrapassando os preconceitos, capaz de promover a justiça social com abertura liberal de «pessoas comunitárias» como escreveu E. Mounier. O diálogo e a interculturalidade poderão conduzir a *uma consciência ética da realidade global*, resultante das legítimas diferenças assumidas.

A universalidade e a individualidade devem conduzir à solidariedade complementar de modo evolutivo e esclarecido. Não se trata de baralhar e tornar a dar; há que avançar com ciência e consciência crítica.

